



O impacto do abuso emocional infantil na vinculação e no suporte social percebido na idade adulta: uma perspetiva relacional

INÊS DA SILVA GALVÃO

Orientador de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA TELMA SOUSA ALMEIDA

Professor de Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA TELMA SOUSA ALMEIDA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção de grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Especialidade em Psicologia Clínica

2022

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Telma Sousa Almeida, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

Quero agradecer à professora Telma Almeida, pelo apoio, dedicação e ajuda ao longo de todo o ano letivo. Por me ter permitido escolher e desenvolver o tema que idealizei e principalmente, por me ter incentivado e reconhecido o meu trabalho ao longo deste ano.

Aos professores que marcaram o meu percurso, com os seus ensinamentos e partilhas.

Aos participantes deste estudo e principalmente, a todos aqueles que ajudaram na sua divulgação. A vossa contribuição foi muito importante.

Às pessoas que permitiram a realização do meu percurso académico no ISPA.

Acima de tudo, agradeço a todos aqueles que estiveram genuinamente presentes e me apoiaram ao longo destes 5 anos.

A todos aqueles que marcaram o meu percurso.

Obrigada por tudo.

Resumo

Introdução: O abuso emocional na infância tem uma elevada taxa de prevalência e consequências nefastas para o desenvolvimento da vítima. Em Portugal, a investigação acerca deste tipo de abuso é escassa e os estudos existentes focam-se na psicopatologia. Deste modo, a partir de uma perceção relacional, o presente estudo pretendeu contribuir para a compreensão das consequências a longo prazo do abuso emocional infantil, ao nível da vinculação e do suporte social percebido. **Método:** 300 participantes com idade igual ou superior a 18 anos, preencheram um inquérito constituído pelos seguintes instrumentos: Questionário de Trauma de Infância - Versão Curta; Escala de Vinculação do Adulto (EVA); Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (MSPSS). **Resultados:** Os resultados evidenciaram diferenças significativas entre os sujeitos que sofreram de abuso emocional na infância e aqueles que não sofreram desta problemática, relativamente às dimensões da vinculação e ao suporte social percebido na idade adulta, assim como, entre os padrões de vinculação e a perceção de suporte social. Verificou-se ainda uma associação entre o abuso emocional na infância e o padrão de vinculação inseguro. **Conclusão:** Os sujeitos com experiência de abuso emocional infantil, parecem apresentar uma visão deturpada das relações que estabelecem com os outros na idade adulta e a perceção de suporte social por parte destes sujeitos é mais reduzida. Em suma, este estudo fornece evidências das consequências desta problemática no espectro relacional.

Palavras-chave: Abuso Emocional; Vinculação; Suporte Social Percebido; Modelos Relacionais; Conforto com a Proximidade

Abstract

Introduction: Childhood emotional abuse has a high prevalence rate and harmful consequences for the victim's development. In Portugal, research on this type of abuse is rare and the previous studies focus on psychopathology. Thus, from a relational perspective, the present study aimed to contribute to the understanding of the long-term consequences of childhood emotional abuse, in terms of attachment and perceived social support. **Method:** 300 participants with age equal or above 18 years old, who completed a survey with the following protocols: Childhood Trauma Questionnaire - Short Version; Adult Attachment Scale (AAS); Multidimensional Scale of Perceived Social Support (MSPSS). **Results:** The results showed significant differences between subjects who suffered from childhood emotional abuse and those who did not suffer from this problem, regarding the dimensions of attachment and perceived social support in adulthood, as well as between the attachment patterns and perception of social support. There was also an association between childhood emotional abuse and insecure attachment pattern. **Conclusion:** Subjects with experience of childhood emotional abuse, seems to present a distorted view of the relationships establish with others in adulthood and the perception of social support is lower. This study provides evidence of consequences that this problem brings on the relational spectrum.

Keywords: Emotional Abuse; Attachment; Perceived Social Support; Relational Models; Close.

Índice

Introdução	9
Contextualização do Abuso Infantil e Abuso Emocional	10
Vinculação.....	13
Suporte Social Percebido	16
Relação entre Abuso Emocional na Infância, Vinculação e Suporte Social Percebido na Idade Adulta	18
Presente Estudo	21
Método	22
Amostra	22
Instrumentos	23
Procedimento.....	27
Plano Analítico.....	28
Resultados	29
Associação entre Abuso Emocional na Infância e Suporte Social Percebido.....	29
Abuso Emocional na Infância e Suporte Social Percebido Total, Família, Amigos e Outros Significativos.....	30
Abuso Emocional na Infância e Vinculação na Idade Adulta.....	31
Abuso Emocional na Infância e Padrão de Vinculação Inseguro	32
Abuso Emocional na Infância, Padrão de Vinculação e Suporte Social Percebido Total ...	33
Discussão	34
Limitações	43
Conclusão	45
Referências.....	46
Anexos	54
Anexo A – Questionário Sociodemográfico	54
Anexo B - Consentimento Informado	55

Índice de Tabelas

Tabela 1: Dados Sociodemográficos	23
Tabela 2: Médias (M) e Desvios Padrão (DP) referentes à experiência de abuso emocional na infância e suporte social percebido	30
Tabela 3: Médias (M) e Desvios Padrão (DP) relativas à experiência de abuso emocional na infância e dimensões da vinculação na idade adulta	32
Tabela 4: Quantidade (N) e porcentagem (%) de participantes em cada um dos padrões de vinculação na idade adulta, em função do grupo	33

Introdução

Em todos os países, culturas, sociedades e estatutos sociais, existem vítimas de abuso infantil. A prevalência desta problemática é muito elevada, em alguns países a taxa é superior a 60% (Gao et al., 2021). A vivência de outros tipos de abuso engloba, muitas vezes, a experiência de abuso emocional (Kapeleris & Paivio, 2011; Mayer & Koller, 2012; Riggs & Kaminski, 2010), sendo este considerado por diversos estudos, o tipo de abuso mais frequente a nível internacional (Crow et al., 2014; Dias et al., 2013; Gao et al., 2021).

Apesar da sua elevada taxa de prevalência, o abuso emocional é pouco estudado, comparativamente com os outros tipos de abuso (Helander, 2008; Spinazzola et al., 2014). Embora a investigação a nível nacional se tenha focado no estudo do abuso infantil, o abuso emocional ainda tem pouca representatividade na investigação realizada até à atualidade. Como tal, em Portugal os dados acerca da prevalência desta problemática são reduzidos. Ainda assim, é de salientar um estudo de autorrelato realizado por Machado et al. (2007), que contou com uma amostra de 2391 progenitores com filhos menores, que revela que 22.1% dos pais abusaram emocionalmente dos seus filhos.

Embora seja menos estudado, este tipo de abuso é tão ou mais prejudicial quanto os restantes e apresenta graves consequências para a saúde física e mental das vítimas (Helander, 2008; Prino et al., 2018). De acordo com Finkelhor (2008), a maioria das crianças que sofre de abuso emocional apresenta um padrão de vinculação inseguro, o que compromete o seu desenvolvimento a curto e longo prazo. Este impacto no desenvolvimento, pode ser resultado dos modelos negativos que a criança forma acerca de si mesma e dos outros (Goodman et al., 2017), visto que estes modelos relacionais são utilizados ao longo de toda a vida e influenciam as expectativas e a interpretação das experiências relacionais na idade adulta (Babore et al., 2017).

Tendo em conta a gravidade das consequências do abuso emocional infantil, a investigação científica tem investido na procura de fatores protetores que diminuam os resultados negativos provenientes da experiência deste fenómeno. Os resultados destes estudos indicam que o suporte social, nomeadamente o suporte social percebido, é um dos principais promotores de um bom desenvolvimento em situações de abuso infantil (Arslan, 2021; Nearchou, 2018). O suporte social percebido é indicado como um mediador da relação entre o abuso emocional e o desenvolvimento de psicopatologia na idade adulta (Sheikh, et al., 2016; Sheikh, 2018), e diversas investigações sugerem que existe uma correlação negativa entre a experiência de abuso na infância e o suporte social percebido na idade adulta (Li et al., 2020;

Zhao et al., 2019). Logo, parecem existir evidências que comprovam que o abuso emocional infantil afeta negativamente o suporte social percebido na idade adulta. Apesar disso, ao nosso conhecimento, não existem estudos que abordem a relação direta entre estas duas variáveis. Em vez disso, o suporte social percebido é quase sempre estudado enquanto variável protetora ou mediadora.

Em suma, de acordo com diversos autores, a experiência de abuso emocional na infância tem diversas sequelas no funcionamento na idade adulta, o que indica que as suas consequências se estendem para além da infância (Egeland, 2009; Festinger & Baker, 2010; Sheikh et al., 2016).

Em Portugal, a literatura e investigação acerca do abuso emocional na infância é escassa, como tal este estudo pretendeu contribuir para a melhor compreensão das consequências a longo prazo deste fenómeno. Tendo em conta a importância das relações para um desenvolvimento ajustado, revela-se crucial desenvolver estudos e intervenções que considerem a perspetiva relacional (Toth & Manly, 2019). Por esse motivo, e porque ao nosso conhecimento, não existem até ao momento estudos nacionais que se foquem nas relações estabelecidas por indivíduos que sofreram de abuso emocional durante a infância, no presente estudo adotámos uma perspetiva relacional do impacto desta problemática na idade adulta.

Posto isto, a presente dissertação encontra-se estruturada da seguinte forma: primeiramente apresentamos um enquadramento teórico onde introduzimos conceitos chave como abuso emocional, vinculação e suporte social percebido, assim como a evidência empírica acerca da relação entre estes conceitos. Seguidamente apresentamos o delineamento e metodologia do presente estudo, procedemos à caracterização da amostra, apresentamos os instrumentos utilizados, o procedimento realizado e o planeamento analítico. Posteriormente, são evidenciados e analisados os resultados obtidos. Por fim, são discutidos os resultados e apresentadas algumas conclusões, em articulação com a evidência empírica. Concluímos com a apresentação das limitações e sugestões para estudos futuros.

Contextualização do Abuso Infantil e Abuso Emocional

De acordo com Magalhães (2005) o maltrato ou abuso, é definido como:

Qualquer forma de tratamento físico e/ou emocional, não acidental e inadequado, resultante de disfunções e/ou carências nas relações interpessoais, num contexto de uma relação de dependência (física, emocional, psicológica), confiança e poder. Pode manifestar-se por comportamento ativos (físicos, emocionais ou sexuais) ou passivos

(omissão ou negligência nos cuidados ou afetos). Pela forma reiterada como geralmente acontecem, privam a vítima dos seus direitos e liberdades afetando, de forma concreta ou potencial, a sua saúde, desenvolvimento (físico, psicológico e social) ou dignidade (p. 7).

De acordo com referida a autora, estes são dois construtos semelhantes, uma vez que na literatura o abuso e os maus-tratos são frequentemente enunciados como sinónimos. Deste modo, no decorrer deste trabalho iremos considerá-los como tal.

O abuso na infância é descrito por Gilbert e colaboradores (2009) como: “qualquer ato de omissão por parte de uma figura parental ou outro prestador de cuidados que resulte em dano, potencial dano ou tentativa de dano para a criança” (p.1). Tendo em conta a negligência inerente, esta é uma problemática que tem impacto no desenvolvimento e/ou na perceção de confiança, poder, segurança, autoestima e intimidade das vítimas (Finkelhor, 2008), sendo considerada uma das principais causas no que toca a problemas de saúde física, mental e atrasos e/ou falhas no desenvolvimento (Finkelhor, 2008).

O abuso emocional refere-se a um padrão persistente de maus-tratos emocionais e é definido como um:

Ato de natureza intencional caracterizado pela ausência ou pela falha, persistente ou significativa, ativa ou passiva, de suporte afetivo e de reconhecimento das necessidades emocionais da criança ou jovem, de que resultem efeitos adversos no seu desenvolvimento (físico, emocional, moral ou social) e na estabilidade das suas competências emocionais e sociais, diminuindo a sua autoestima. (Magalhães, 2010, p. 9).

Já a negligência emocional na infância, pode ser definida como o desrespeito persistente perante as necessidades emocionais da criança, o que inclui a incapacidade por parte do cuidador de fornecer conforto quando a criança necessita (Sheikh, 2018). Neste estudo serão consideradas atitudes de negligência emocional, de abuso emocional e de abuso psicológico como um todo.

O abuso emocional pode manifestar-se através de um padrão comportamental e/ou comunicacional ameaçador, hostil, crítico, insultuoso ou de desvalorização e/ou humilhação para com a vítima. A forma como o abusador comunica com a vítima é frequentemente depreciativa e desvalorizadora da mesma, sendo que esta é muitas vezes descrita como alguém

de pouco valor, que não é amada e que só é útil para satisfazer as necessidades de outrem (Allbaugh et al., 2018). Se ocorrer durante a infância, este tipo de abuso pode também refletir uma indisponibilidade e/ou falta de resposta emocional perante as necessidades emocionais da criança. Quando isso acontece, o cuidador pode falhar em reconhecer a individualidade e o limite psicológico da mesma. Assim como pode falhar na promoção da socialização ou adaptação social da criança (Valsala et al., 2018).

Existem diversas razões para que o abuso emocional seja pouco reportado e o menos estudado, comparativamente aos outros tipos de abuso. De acordo com Riggs e Kaminski (2010), a dificuldade na operacionalização e na definição deste conceito ocorre devido a diferenças culturais e individuais. Por se tratar de um tipo de abuso que não deixa marcas visíveis, torna-se mais difícil para as vítimas perceberem-se como tal, neste caso, o facto de serem crianças dificulta mais ainda esta percepção (Helander, 2008; Valsala et al., 2018).

Diversos autores sugerem que o abuso emocional é o tipo de abuso mais frequente (Crow et al., 2014; Dias et al., 2013; Gao et al., 2021) e aquele que traz consequências mais adversas ao nível do desenvolvimento (Prino et al., 2018; Spinazzola et al., 2014; Wingenfeld, 2016). As consequências desta problemática podem ocorrer a nível físico, psicológico, social, emocional e/ou comportamental (Reyome, 2010; Reyome et al., 2010; Stoltenborgh et al., 2012; Valsala et al., 2018). Assim, o abuso emocional durante a infância tem efeitos nefastos na formação do self, contribui para que o sujeito desenvolva crenças negativas acerca de si próprio, o que o leva a que tenha uma visão desvalorizada de si mesmo, bem como, a convicção de que não é amado, nem digno de receber afeto (Messman-Moore & Coates, 2007). Como tal, esta problemática é considerada um fator de risco para uma baixa autoestima, assim como está associada ao desenvolvimento de psicopatologia em adolescentes e adultos, particularmente sintomas de depressão, dissociação, ansiedade e somatização (Dias et al., 2014; Kapeleris & Paivio, 2011; Prino et al., 2018; Spinazzola et al., 2014; Toth & Manly, 2019). Adicionalmente, os adultos que sofreram deste tipo de abuso na infância têm um maior risco de tentarem ou virem a cometer suicídio (Allbaugh et al., 2018; Cicchetti & Toth, 2013; Finkelhor, 2008).

Quando uma criança sofre de abuso emocional, por norma, os abusadores são os progenitores/cuidadores e este tipo de abuso envolve uma falta de espelhamento por parte destes, que origina um vazio dentro da criança (Godbout et al., 2017). Se a relação estabelecida com a figura primária não for consistente e prazerosa, estes sujeitos sentirão menos segurança e confiança perante a estabilidade das relações que estabelecerão posteriormente (Poon & Knight, 2012). Adicionalmente, são incapazes de ver o outro como fonte de suporte, uma vez que não internalizaram essa possibilidade, o que contribui para a formação de um padrão de

vinculação inseguro. Este padrão, por sua vez, facilita o surgimento de sentimentos de rejeição e de abandono (Magalhães, 2010) e estes sentimentos comprometem o relacionamento com o outro, dificultando o estabelecimento de relações adequadas e a percepção de suporte (Magalhães, 2010). Como tal, os adultos que experienciaram abuso emocional na infância, desenvolvem frequentemente dificuldades relacionais (Allbaugh et al., 2018).

A falta de responsividade perante as necessidades emocionais experienciada durante a infância, influencia negativamente a capacidade de o sujeito valorizar os seus próprios sentimentos e necessidades na idade adulta (Kapeleris & Paivio, 2011). Desta forma, a experiência deste tipo de abuso está associada com dificuldades em formar e estabelecer relações íntimas, tanto na adolescência como na idade adulta, o que reforça o pressuposto de que as consequências do abuso emocional na infância, são vivenciadas também a longo prazo (Arslan, 2017; Reyome, 2010; Reyome et al., 2010; Riggs, 2010; Riggs & Kaminiski, 2010).

Vinculação

De acordo com Bowlby (1988), a vinculação corresponde à tendência do ser humano para criar fortes laços emocionais com o outro. O primeiro laço emocional é criado com os cuidadores, visto que o desenvolvimento da relação de vinculação decorre no primeiro ano de vida. A partir desta relação, são criados modelos internos dinâmicos, que inicialmente têm como propósito a previsão do comportamento da figura de vinculação. Mais tarde, ao longo do desenvolvimento, tornam-se modelos relacionais e correspondem às expectativas que os sujeitos têm acerca de si mesmos, dos outros e do mundo que os rodeia (Bowlby, 1988; Canavarro et al., 2006; Collins, 1996; Lowell et al., 2014; Riggs & Kaminski, 2010). Quando formados, estes são constituídos com base nas crenças e expectativas acerca do afeto e responsividade do cuidador, posteriormente irão relacionar-se com a autopercepção do sujeito enquanto alguém que é, ou não, merecedor de carinho e atenção (Babore et al., 2017). Desta forma, vão influenciar a interpretação, as expectativas e os comportamentos do sujeito perante as experiências relacionais que vivencia (Santorelli et al., 2012).

O desenvolvimento emocional e social do sujeito, é influenciado pela relação de vinculação que este estabelece, sendo que a qualidade da mesma, depende da existência de uma relação consistente ao longo dos primeiros anos de vida (Bowlby, 1988; Lowell et al., 2014; Riggs & Kaminski, 2010). A qualidade do padrão de vinculação está dependente da disponibilidade emocional e responsividade do cuidador, perante as necessidades físicas e emocionais da criança. É o comportamento da figura de vinculação que irá criar modelos relacionais de estabilidade ou instabilidade (Helander, 2008; Oshri et al., 2015), sendo que a

disponibilidade e a sensibilidade por parte desta é um parâmetro fundamental para o desenvolvimento de um padrão de vinculação seguro e o estabelecimento deste providencia, uma base de segurança essencial para o seu desenvolvimento (Toth & Manly, 2019). Como tal, é essencial proporcionar às crianças boas experiências relacionais, com modelos presentes e consistentes, imprescindíveis à estruturação de um desenvolvimento adequado.

Embora Bowlby tenha focado os seus estudos na vinculação estabelecida na infância, ao longo da sua obra reconhece a importância e o impacto da vinculação ao longo de todo o ciclo de vida. Segundo o próprio, a vinculação na idade adulta é semelhante na sua natureza à vinculação estabelecida durante o primeiro ano de vida (Bowlby, 1988). De acordo com Muller e colaboradores (2008), a vinculação na idade adulta corresponde à continuidade dos padrões de vinculação adquiridos entre a infância e o restante ciclo de vida. Aliás, foram encontradas poucas diferenças entre as relações estabelecidas entre as crianças e as figuras cuidadoras e as relações formadas na idade adulta com pares ou companheiros românticos (Canavarro et al., 2006, Lowell et al., 2014). Porém quando falamos de vinculação do adulto, é importante ter em consideração que se trata de diferenças individuais estáveis ao longo do tempo.

Apesar de estarem relacionadas, a vinculação ao longo das diferentes fases de vida apresenta algumas diferenças entre si, sendo a natureza e a qualidade das relações estabelecidas pelos sujeitos na idade adulta fortemente influenciada pelas suas experiências afetivas e relacionais na infância (Collins & Read, 1990). A vinculação na idade adulta baseia-se na qualidade do ambiente familiar e, posteriormente, na continuidade dos comportamentos associados ao padrão de vinculação estabelecido na infância. Portanto, os fatores extrafamiliares são muito importantes, nomeadamente a aceitação por parte dos pares, visto que estes podem contribuir para a mudança nos padrões relacionais.

A organização da vinculação e a expectativa em relação ao self e ao outro, determinam as relações e ligações afetivas estabelecidas ao longo do ciclo de vida. Durante o desenvolvimento, o padrão de vinculação estabelecido na infância torna-se uma característica de personalidade e os modelos relacionais são solidificados. Os adultos com diferentes padrões de vinculação, pensam, sentem e comportam-se de forma diferente nas suas relações, assim como, explicam e interpretam os eventos em consistência com as suas crenças e expectativas acerca de si e dos outros (Collins, 1996).

Foram conceptualizados quatro padrões para a vinculação na idade adulta. Uma vez que, de acordo com Bartholomew (1990) é necessário distinguir entre dois tipos de padrões de vinculação evitante (os amedrontados e os desligados). Desta forma, foram estabelecidos os seguintes padrões de vinculação: o padrão de vinculação seguro, o padrão de vinculação

preocupado, o padrão de vinculação evitante desligado, e o padrão de vinculação evitante amedrontado.

O padrão de vinculação seguro está associado a uma percepção de proteção, responsividade e conforto por parte da figura de vinculação em situações adversas. Estes sujeitos além de terem internalizado o seu valor, veem os outros como confiáveis e como alguém de quem podem depender, não se preocupam com o abandono, sentem-se confortáveis com a proximidade e não têm receio de não serem amados pelo outro.

Em contrapartida, os padrões de vinculação inseguros surgem em contextos de interação, em que a figura de vinculação tem comportamentos de rejeição ou inconsistência. O padrão de vinculação preocupado, também designado por padrão de vinculação ansioso, remete para sujeitos que manifestam um grande receio perante a possibilidade de serem abandonados ou rejeitados. Estes sujeitos têm crenças negativas em relação a si e aos outros, na relação precoce vivenciaram situações de proximidade com os pais e tentativas frustradas de obter suporte por parte destes, o que originou uma relação inconsistente. Os progenitores eram inaptos para lidar com os seus filhos, demonstrando falta de sensibilidade perante as necessidades destes, o que leva a que posteriormente estes se vejam a si mesmos como não dignos de amor.

O padrão de vinculação evitante desligado, remete para uma relação precoce em que o cuidador se mostrou irresponsivo perante as necessidades emocionais da criança, nomeadamente perante a necessidade de carinho e conforto. Como tal, ao longo do seu desenvolvimento estes tornam-se sujeitos que não têm confiança de que as suas necessidades, serão satisfeitas ou acolhidas devido a estas rejeições sucessivas. Para se protegerem, desenvolvem uma atitude de autossuficiência, evitam a proximidade e não confiam nos outros, ainda assim não apresentam medo de serem abandonados.

Por fim, os sujeitos com padrão de vinculação evitante amedrontado foram rejeitados pela figura de vinculação, por isso consideram que o outro será insensível e indisponível. Estes sujeitos desejam a proximidade, mas este desejo é inibido pelo receio das consequências de que essa proximidade lhes poderá trazer. Como resultado evitam a intimidade e a proximidade, pois receiam a rejeição por parte do outro, para o evitar não se aproximam nem criam relações de intimidade (Bowlby, 1988; Bartholomew, 1990; Collins & Read, 1990; Canavarró et al., 2006).

Para medir a vinculação na idade adulta, Collins e Read (1990) desenvolveram uma escala que introduziu uma medida análoga à medida utilizada para avaliar a vinculação infantil. Dado que os autores não elaboraram a escala de acordo com os padrões de vinculação, mas

com base em dimensões (Ansiedade, Conforto com a Proximidade e Confiança nos Outros) esta trata-se de uma medida da vinculação mais fiável. Cada uma das dimensões tem afirmações correspondentes aos diversos padrões, o que permite que os padrões de vinculação sejam avaliados de forma independente. Desta forma, o sujeito posiciona-se ao longo de dimensões contínuas e não em padrões pré-estabelecidos, o que, por sua vez, possibilita a variabilidade entre sujeitos, não impondo fronteiras rígidas de pertença a um determinado padrão de vinculação (Collins & Read, 1990).

O tema central da natureza da relação entre a criança e o cuidador, é a expectativa de que o cuidador estará disponível e será responsivo quando necessário. Tanto a dimensão *confiança nos outros* como a dimensão da *ansiedade* medem estas expectativas nos adultos. Outra componente importante é o desejo de proximidade com a figura de vinculação, componente que é medida pela dimensão *conforto com a proximidade* (Collins & Read, 1990). De acordo com os autores, estas dimensões conseguem captar melhor de que forma a vinculação se manifesta na idade adulta, por se focarem mais nas expectativas e crenças dos sujeitos. Assim, é possível avaliar diferenças individuais, mesmo em indivíduos que se encontrem no mesmo padrão de vinculação. Neste sentido, Brennan e colaboradores (1998) defendem que a vinculação insegura na idade adulta é conceptualizada com base em duas dimensões: evitamento da intimidade e ansiedade perante a possibilidade de abandono.

Suporte Social Percebido

O suporte social remete para a qualidade e para o propósito das relações sociais que cada indivíduo estabelece. Refere-se às ligações com as figuras mais significativas, como a família e os amigos, pois é através delas que o sujeito recebe apoio e suporte (Arslan, 2021). O suporte social inclui os vários tipos de apoio que uma pessoa recebe por parte dos outros, sendo geralmente classificados em três categorias: suporte emocional, instrumental e informacional (Eslami et al., 2017). Porém iremos focar-nos apenas na componente emocional desta dimensão. A componente emocional remete para a existência de pessoas em quem o sujeito pode confiar e que este sente que se preocupam, valorizam e gostam dele (Eslami et al., 2017).

De acordo com Arslan (2021), receber suporte social é fundamental para a saúde mental e para o bem-estar, uma vez que ajuda na criação de experiências emocionais positivas e potencia a capacidade do sujeito para lidar com as vicissitudes da vida, tornando-se um mecanismo de *coping* perante condições adversas, como é o caso do abuso infantil (Allbaugh et al., 2018). No caso das crianças, o suporte social por parte da família, amigos e por vezes professores, está associado a uma maior autoestima, bem-estar emocional e capacidade de

resolver problemas (Dion et al., 2016; Eagle et al., 2019; Gao et al., 2021). Enquanto o isolamento e a solidão, constituem fatores de risco para doenças psicológicas e físicas (Riggs & Kaminski, 2010).

Contudo, de acordo com diversos autores, a percepção de suporte social é um melhor preditor de bem-estar psicológico, do que a medida objetiva do suporte social (Carvalho et al., 2011; Christ et al., 2019). Segundo Eagle e colaboradores (2019), a associação entre o suporte social recebido e o suporte social percebido é fraca. Os referidos autores, fazem a distinção entre os dois conceitos e afirmam que o primeiro remete para a receção de suporte, e o segundo para a percepção que o sujeito tem de o receber (Eagle et al., 2019). O suporte social percebido, consiste não só na percepção do sujeito perante a disponibilidade do outro para fornecer apoio emocional e ajuda em caso de necessidade, mas também no sentimento de que é gostado e motivo de preocupação, por parte da sua rede de suporte (Eagle et al., 2019).

Tendo em conta as suas características, esta variável é um dos maiores e mais consistentes mediadores da associação entre experiências adversas na infância e saúde mental na idade adulta (Li et al., 2020; Sheikh, 2018). Para além disso, é considerado um fator protetor do desenvolvimento, quando ocorre abuso infantil (Nearchou, 2018); perante sintomas traumáticos resultantes do abuso emocional (Evans et al., 2013); assim como é um fator moderador do bem-estar (Li et al., 2020). Adicionalmente, o suporte social e a percepção do mesmo, são fatores muito importantes na transição para a idade adulta, uma vez que esta é não só uma etapa de desenvolvimento crucial, mas também uma fase onde as relações interpessoais se solidificam (Barnes et al., 2016).

Contudo, apesar do seu valor, a experiência de eventos negativos como é o caso do abuso emocional na infância, está inversamente associada à percepção de suporte social por parte da família e amigos (Powers et al., 2009). O que é um fator preocupante, uma vez que a percepção de suporte por parte destas duas fontes, está relacionada com níveis mais reduzidos de depressão (Nearchou, 2018).

No caso das crianças, o suporte social percebido por parte dos pares, assim como por parte de pelo menos um adulto exterior à família, está ligado a resultados positivos perante o abuso emocional (Nearchou, 2018). A percepção de suporte por parte desta fonte, contribui para o desenvolvimento de relações mais saudáveis no futuro, o facto de o sujeito sentir que é fonte de preocupação por parte da rede de pares, contribui para um maior sentido de pertença e uma autovalorização (Nearchou, 2018). Porém, a vivência deste tipo de abuso pode levar a que a criança tenha dificuldade em formar laços próximos com os pares (Finkelhor, 2008).

Relação entre Abuso Emocional na Infância, Vinculação e Suporte Social Percebido na Idade Adulta

De acordo com Toth e Manly (2019), o desenvolvimento pode ser definido como um conjunto de etapas importantes para determinadas idades e estágios, que mantêm a sua importância e relevância ao longo do ciclo de vida. Nas crianças, os cuidados a nível físico e emocional são igualmente importantes e fundamentais para um bom desenvolvimento. Por conseguinte, a ocorrência de abuso durante a infância está negativamente associada a um bom desenvolvimento nas etapas posteriores.

De acordo com Lowell e colaboradores (2014), esta associação é influenciada pela vinculação. Já Pepin e Banyard (2006), afirmam que um desenvolvimento mais reduzido por parte dos sujeitos que sofreram de abuso infantil, é parcialmente explicado por uma menor perceção de suporte social. O estudo realizado por estes autores, encontrou diferenças entre os indivíduos que experienciaram abuso durante a infância e aqueles que não experienciaram, relativamente à qualidade e uso do suporte social, nomeadamente ao nível da família e dos amigos.

O abuso emocional infantil constitui uma falha na promoção de um ambiente de suporte e na construção de uma relação segura, através da qual a criança possa desenvolver as suas competências sociais e emocionais que tão importantes serão na sua vida futura. A falha relacional derivada da vivência de abuso emocional na infância, poderá ser compreendida com base na teoria da vinculação, uma vez que esta é usada como base para a perceção dos processos e modelos, através dos quais são formadas as relações de proximidade na idade adulta (Allbaugh et al., 2018; Collins, 1996; Riggs et al., 2011). De acordo com a referida teoria, os modelos formados na infância são determinados pela disponibilidade emocional e responsividade dos cuidadores perante as necessidades da criança (Allbaugh et al., 2018; Collins, 1996; Santorelli et al., 2012). Logo, o padrão de vinculação estabelecido nesta fase de vida irá impactar as expectativas acerca dos outros e do valor do próprio, enquanto merecedor de carinho e suporte, assim como a perceção das relações criadas, uma vez que servirá de suporte para os relacionamentos formados na idade adulta (Allbaugh et al., 2018; Toth & Manly, 2019). Quando os sujeitos iniciam uma nova relação, levam consigo as experiências pessoais e interpessoais anteriores que, por conseguinte, influenciam a forma como estes pensam e sentem as suas relações atuais e a maneira como se comportam perante as mesmas.

Diversos estudos demonstram que os sujeitos que sofreram de abuso na infância formam padrões de vinculação inseguros (Baer & Martinez, 2006; McLewin & Muller, 2006; Muller et al., 2008; Riggs & Kaminski, 2010; Riggs et al., 2011; Oshri et al., 2015; Godbout et

al., 2017; Arslan, 2017; Toth & Manly, 2019). Porém, não existe consenso na literatura quanto ao tipo de padrão inseguro em que estes se inserem. Alguns autores indicam que o abuso infantil, nomeadamente o abuso emocional, está relacionado com o padrão de vinculação ansioso (preocupado) (e.g., Lowell et al., 2014), enquanto outros o associam ao padrão de vinculação evitante (e.g., Godbout et al., 2017), mais concretamente com o padrão de vinculação evitante amedrontado (e.g., Baer & Martinez, 2006; Kapeleris & Paivio, 2011; Riggs & Kaminski, 2010; Toth & Manly, 2019). Todavia, é consensual que crescer num contexto abusivo ou com uma vinculação insegura está associado a problemas comportamentais, psicológicos e sociais (Singstad et al., 2021).

O padrão de vinculação inseguro na infância está associado a uma maior vulnerabilidade e à construção de modelos negativos acerca do self e dos outros, principalmente quando o cuidador é simultaneamente a fonte e a solução para o alarme (Riggs et al., 2011; Santorelli et al., 2012). O abuso emocional na infância, influencia negativamente o desenvolvimento das competências socioemocionais necessárias para o desenvolvimento da crença de que tanto o meio como os outros, são previsíveis e seguros (Festinger & Baker, 2010). Quando a criança cresce num ambiente que não a valida, isso impacta as suas expectativas e crenças acerca das relações sociais, assim como, a qualidade e satisfação que esta considera que poderá obter por parte destas. Por conseguinte, o suporte que esta percebe e espera receber por parte dos outros será afetado, tal como a ideia que tem de si mesma ao longo do seu crescimento e na idade adulta (Toth & Manly, 2019).

De acordo com Arslan (2021), os indivíduos que sofreram abuso emocional na infância, não foram validados, reconhecidos, nem receberam o suporte de que necessitavam, deste modo, enquanto adultos apresentam uma maior possibilidade de ter dificuldades em avaliar e reconhecer o suporte social por parte dos outros. Logo, é comum que estes indivíduos possam sentir-se insatisfeitos com as suas amizades, devido a perceberem uma discrepância entre a quantidade e qualidade de suporte que desejam obter e o que efetivamente percebem receber. Esta discrepância irá afetar a percepção que os sujeitos têm de si mesmos, de acordo com Nearchou (2018), as pessoas associam o seu valor à qualidade das relações que estabelecem pois, a percepção que temos de nós é influenciada pelo suporte que percebemos por parte dos nossos familiares, amigos e comunidade em que estamos inseridos.

Tendo em conta a literatura apresentada anteriormente, a possibilidade de existir uma associação entre a experiência de abuso emocional na infância e uma reduzida percepção de suporte social é elevada. Caso exista, esta ligação deverá resultar das mensagens negativas que a criança interioriza acerca de si mesma e que impactam as escolhas e comportamentos que ela

adota e que, posteriormente, influenciam negativamente o seu funcionamento relacional, assim como o suporte que percebem por parte dos outros (Cowell et al., 2015).

De acordo com Poon e Knight (2012), a capacidade de utilizar o suporte social disponível encontra-se relacionada com o padrão de vinculação. Um padrão de vinculação seguro, contribui para a capacidade da criança reconhecer a família próxima e os amigos, como fontes de suporte e de segurança. Posteriormente, essa aptidão influencia o grau de competência que estes sujeitos terão nas suas relações, assim como, o investimento que consideram que os outros terão para com eles (Helander, 2008). Por outro lado, os indivíduos que têm um padrão de vinculação inseguro, não têm a expectativa de que o outro estará presente e que os irá acolher caso necessário. Enquanto crianças, não procuram suporte ou apoio em situações ansiogénicas, uma vez que não veem o adulto como capaz de prestar esse tipo de suporte. Desta forma, o padrão de vinculação inseguro é considerado um fator de risco para um reduzido suporte social (Muller et al., 2008; Zinn et al., 2017).

A relação entre a vinculação na idade adulta e o suporte social nesta fase de vida, é semelhante à relação encontrada entre ambas as variáveis nas crianças. Os adultos que apresentam um padrão de vinculação seguro, têm como modelo interno relações que lhes providenciam conforto e segurança. Como tal, interiorizaram que podem depender dos outros e que esta proximidade não está associada ao risco de abandono ou perda (Canavarro et al., 2006). Deste modo, procuram e sentem que recebem suporte quando necessário e acreditam que este estará disponível. A confiança no outro fomenta a procura de suporte social, assim como uma maior perceção do mesmo (Canavarro et al., 2006).

Contrariamente, as perceções e expectativas acerca do suporte social dos adultos com um padrão de vinculação inseguro estão alteradas por modelos relacionais pouco consistentes. Consequentemente são sujeitos que reportam menos suporte social, pois não veem o outro como acessível ou disponível (Zinn et al., 2017). Ambas as variáveis estão negativamente associadas, o padrão de vinculação inseguro diminui a perceção de suporte social (Zinn et al., 2017). Adicionalmente, o padrão de vinculação inseguro evitante é considerado um bom preditor de ineficácia na procura de suporte social (Canavarro et al., 2006). Então, podemos afirmar que a qualidade da vinculação pode influenciar a procura e a perceção de suporte social (Chen et al., 2017).

Em suma, os sujeitos que sofreram de abuso emocional na infância não foram cuidados emocionalmente pelos respetivos progenitores. Quando os cuidadores são agressivos, ausentes ou inconsistentes na sua interação com a criança (sendo estas algumas das principais características do abuso emocional), o padrão de vinculação formado tende a ser de

insegurança, o que resulta em falta de autoestima, problemas relacionais e, por conseguinte, num menor suporte social percebido (Sheikh, 2018; Zinn et al., 2017). As interações com cuidadores que são insensíveis, não responsivos e/ou emocionalmente abusivos, afeta a confiança que os sujeitos têm nos outros, da mesma forma que existe uma associação entre as referidas interações e uma menor procura de suporte por parte destes sujeitos (Riggs & Kaminski, 2010; Riggs et al., 2011). Conforme referido, quando existe abuso emocional, o ambiente em que a criança cresce e se desenvolve é tóxico e prejudica o seu desenvolvimento, a confiança que tem no outro, o sentimento de esperança e o sentimento de conforto perante a proximidade (Riggs, 2010), o que tem consequências na qualidade das suas relações e no suporte social que percebe na idade adulta (Sheikh, 2018; Zinn et al., 2017). De acordo com Allbaugh e colaboradores (2018), os adultos que experienciaram abuso emocional na infância, têm frequentemente um padrão de vinculação inseguro e dificuldades em perceber suporte social.

Presente Estudo

De acordo com a evidência empírica, o abuso emocional na infância tem diversas consequências a curto e a longo-prazo, nomeadamente, na perceção dos sujeitos relativamente às suas relações com os outros e consigo mesmos, tanto durante a infância como na idade adulta. Como tal, com o presente estudo pretendemos contribuir para a compreensão do impacto da experiência de abuso emocional durante a infância, na trajetória de desenvolvimento destes sujeitos, nomeadamente a nível relacional. Procurou-se compreender de que forma esta vivência se manifesta no funcionamento relacional na idade adulta.

Em Portugal, existem poucos estudos que avaliem estas problemáticas e as investigações realizadas relativamente às consequências do abuso emocional na infância, têm como principal foco a psicopatologia, assim, o presente estudo foca-se na componente relacional.

Sendo este um fenómeno de elevada prevalência e gravidade, o presente estudo surgiu na tentativa de compreender o impacto do abuso emocional infantil, na vinculação e no suporte social percebido durante a idade adulta. Especificamente, os objetivos da presente investigação consistiram em: 1) explorar se existiam diferenças significativas entre os sujeitos que sofreram de abuso emocional na infância e os que não sofreram, relativamente ao suporte social percebido na idade adulta; 2) explorar o impacto da experiência abuso emocional na infância ao nível da vinculação na idade adulta; e 3) analisar o impacto do padrão de vinculação no suporte social percebido na idade adulta.

Com base na evidência empírica, primeiramente esperamos que os sujeitos que experienciaram abuso emocional na infância tenham uma menor percepção de suporte social, comparativamente aos sujeitos que não sofreram de abuso emocional na infância. Esperamos também que os sujeitos que experienciaram abuso emocional na infância tenham menos conforto com a proximidade, comparativamente aos sujeitos que não experienciaram abuso emocional na infância. Adicionalmente, esperamos que a experiência de abuso emocional na infância esteja associada a um padrão de vinculação inseguro na idade adulta. E, por fim, hipotetizamos que os sujeitos com um padrão de vinculação inseguro na idade adulta irão perceber menos suporte social.

Método

Amostra

A amostra do presente estudo é composta por 300 participantes, 217 do sexo feminino (72.3%) e 83 do sexo masculino (27.7%), com idades compreendidas entre os 18 e os 76 anos ($M = 29$; $DP = 12.6$). Na Tabela 1 encontra-se uma descrição mais detalhada dos dados sociodemográficos. Em suma, na sua maioria os participantes referiram possuir pelo menos o ensino secundário. Menos de 20% dos participantes afirmou ter sido diagnosticado com psicopatologia depressiva e/ou ansiosa, apesar de a maioria da população inquirida ter referido já ter tido sintomatologia depressiva e/ou ansiosa.

A amostra foi recolhida através de um processo de amostragem por conveniência. Foi elaborado e distribuído um questionário online, disponível para toda a população adulta residente em Portugal (maiores de 18 anos), sendo este, o único critério de inclusão para a participação na investigação. Foram excluídos do estudo os indivíduos que no índice de negação incluído no Questionário de Trauma de Infância, classificaram todos os itens pertencentes a este índice no extremo positivo (“sempre”), assim como aqueles que não preencheram a totalidade do protocolo. Na totalidade foram excluídos 47 indivíduos.

Tabela 1*Dados Sociodemográficos*

		Amostra Total (N =300)	
		<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade		29.83	12.5
		<i>n</i>	<i>%</i>
Sexo	Feminino	217	72.3
	Masculino	83	27.7
Habilitações Literárias	2º Ciclo	1	0.3
	3º Ciclo	8	2.7
	Ensino Secundário	107	35.7
	Licenciatura	128	42.7
	Mestrado	55	18.3
	Doutoramento	1	0.3
Psicopatologia Depressiva e/ou Ansiosa	Sim	54	18
	Não	246	82
Sintomatologia Depressiva e/ou Ansiosa	Sim	246	82
	Não	54	18

Instrumentos***Questionário Sociodemográfico***

Neste questionário (Anexo A) recolhemos informações acerca da idade, sexo, habilitações literárias, diagnóstico de psicopatologia e/ou sintomatologia depressiva e/ou ansiosa dos participantes, com o objetivo de caracterizar a amostra recolhida e garantir que todos os indivíduos eram elegíveis para o estudo.

Questionário de Trauma de Infância - Versão Curta

O Questionário de Trauma de Infância - Versão Curta (Bernstein et al, 2003; Versão Portuguesa: Dias et al, 2013) é um questionário de autorrelato que tem como objetivo avaliar se o sujeito foi exposto a situações de maus-tratos até aos 15 anos de idade. Os itens descrevem experiências de maus-tratos ou de cuidados adequados durante a infância. No presente estudo, utilizamos a versão curta deste instrumento, composta por 28 itens, sendo a versão original constituída por 70 itens.

Este questionário é operacionalizado em 5 dimensões, cada uma delas é avaliada através de 5 itens, os restantes itens servem para avaliar o índice de negação. As dimensões são as seguintes: 1) Abuso Emocional (e.g.: “As pessoas da minha família chamavam-me nomes

(estúpido(a), preguiçoso(a), feio(a), etc.”); 2) Abuso Sexual (e.g.: “Tentaram tocar-me ou obrigaram-me a tocar alguém sexualmente”); 3) Abuso Físico (e.g.: “Na minha família batiam-me tanto que tinha que ir ao hospital ou ao médico.”); 4) Negligência Física (e.g.: “Eu não tinha comida suficiente”); 5) Negligência Emocional (e.g.: “Havia alguém na minha família que me ajudava a sentir especial ou importante (R)”).

A eventual exposição ao abuso é avaliada através de uma escala tipo Likert que varia entre 1 (nunca) e 5 (sempre), através da qual o sujeito classifica cada uma das afirmações de acordo com a sua vivência, relativamente à frequência com que ocorreram. Porém existem 7 itens cuja cotação é invertida, itens 2, 5, 7, 13, 19, 26 e 28. A cotação total é obtida através da soma da cotação das subescalas, sendo que uma pontuação elevada no instrumento global, significa que o sujeito foi vítima de vários tipos de abuso durante a infância. Se existir uma pontuação elevada numa subescala específica, é possível afirmar qual o tipo de abuso que o indivíduo sofreu.

Adicionalmente, esta escala inclui um índice de negação que é usado para avaliar a desajustabilidade social ou a negação das experiências negativas ocorridas durante a infância. Este índice é avaliado através de respostas extremas (“sempre”) aos itens 10, 16 e 22. É recomendável que os sujeitos que apresentam índice de negação sejam identificados e removidos do estudo, devido ao viés que estes podem causar e que, conseqüentemente, resulta numa alteração dos resultados do estudo (MacDonald et al., 2016).

Embora o Questionário de Trauma de Infância - Versão Curta, tenha sido aplicado aos participantes na sua totalidade de forma a preservar as suas capacidades psicométricas, para os efeitos do presente estudo foram apenas consideradas as respostas dos participantes referentes à dimensão do abuso emocional, da negligência emocional e do índice de negação.

Relativamente às características psicométricas, este questionário apresenta bons indicadores de validade. Uma fiabilidade estável avaliada através do teste-reteste, assim como, uma consistência interna aceitável no instrumento global (.84) e em quatro das suas dimensões com valores que variam entre os .79 e .71. A dimensão da negligência física apresenta uma consistência interna inferior aos valores referidos anteriormente, o que se pode dever à sua vaga construção teórica (Gerdner & Allgulander, 2009).

Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

A Escala de Vinculação do Adulto (Collins & Read, 1990; Versão Portuguesa: Canavarro et al, 2006) é um questionário de autorrelato que avalia a vinculação na idade adulta,

destinada a indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos. Esta escala é constituída por 18 itens.

A análise fatorial demonstrou a existência de três dimensões, sendo que cada uma delas é constituída por 6 itens: 1) Conforto com a Proximidade, avalia se o sujeito se sente confortável em estabelecer relações íntimas e próximas com o outro (e.g.: “Estabeleço, com facilidade, relações com as pessoas”); 2) Confiança no Outro, pretende aferir a forma como o sujeito se sente perante a dependência, assim como, a confiança perante a disponibilidade do outro em caso de necessidade (e.g.: “Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias”); 3) Ansiedade, avalia de que forma o sujeito se sente preocupado com a possibilidade de ser rejeitado ou abandonado (e.g.: “Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim”).

Os itens são avaliados numa escala tipo Likert que varia entre 1 (nada característico em mim) a 5 (extremamente característico em mim). A cotação é invertida nos seguintes itens 2, 7, 8, 13, 16, 17, 18. A cotação desta escala é obtida através da soma da pontuação dos itens que compõem cada dimensão, a dividir pelo número de itens da mesma, obtendo o valor médio em cada uma das dimensões. Caso seja pretendida a classificação dos sujeitos de acordo com o padrão de vinculação a que pertencem, é realizado o valor compósito (valor médio) do conjunto das dimensões “Conforto com a Proximidade” e “Confiança nos Outros”, criando a variável Conforto-Confiança. A partir dos valores médios das dimensões “Ansiedade” e “Conforto-Confiança” é realizada a categorização através do ponto de corte de 3, visto que este é o valor médio da escala.

De acordo com estes resultados, os sujeitos são classificados da seguinte forma: Padrão de Vinculação Seguro, indivíduos com um valor médio superior a 3 na dimensão Conforto-Confiança e média inferior a 3 na variável Ansiedade; Padrão de Vinculação Inseguro Preocupado, aqueles que apresentassem valores superiores a 3 em ambas as dimensões; Padrão de Vinculação Inseguro Amedrontado, representavam os sujeitos com valores inferiores ao valor médio da escala na dimensão Conforto-Confiança e valores superiores ao valor médio da escala na dimensão da Ansiedade; por fim os Padrão de Vinculação Inseguro Desligado, são sujeitos que apresentam valores inferiores a 3 na média de ambas as dimensões referidas. De acordo com esta escala, o padrão de vinculação inseguro evitante, é constituído pelo padrão de vinculação inseguro desligado e padrão de vinculação inseguro amedrontado. Enquanto o padrão de vinculação preocupado corresponde ao padrão de vinculação inseguro ansioso.

Relativamente às propriedades psicométricas, a Escala de Vinculação do Adulto apresenta uma boa consistência interna ($\alpha = .81$), assim como, bons resultados para o índice de

correlação *split-half* (.83) e de *Spearman-Brown* (.84), o que lhe confere uma boa fiabilidade. Para além disso, apresenta uma boa estabilidade temporal, uma vez que as correlações encontradas através do teste-reteste eram significativas. Quanto à validade discriminante, as três subescalas possibilitam a diferenciação entre população geral e população clínica. Por fim, a referida escala apresenta bons elementos na construção de estilos de vinculação, consistentes com a Teoria da Vinculação do Adulto (Canavarro et al., 2006).

A EVA foi selecionada para este estudo para medir a vinculação na idade adulta, devido à forma como conceptualiza as dimensões que avalia, sendo menos rígida em comparação às restantes escalas, possibilitando uma avaliação de características e não a categorização dos sujeitos em padrões de vinculação, o que promove uma melhor avaliação das características inerentes aos mesmos.

Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (MSPSS)

A escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (MSPSS) (Zimet et al., 1988; Versão Portuguesa: Carvalho et al., 2011) é um questionário de autorrelato, que tem como objetivo avaliar a perceção de suporte social proveniente de três fontes: Amigos (A) (e.g.: “Os meus amigos realmente procuram ajudar-me”); Família (F) (e.g.: “A minha família tenta ajudar-me verdadeiramente.”) e Outros Significativos (OS) (e.g.: “Há uma pessoa especial que se encontra próximo quando necessito.”). É o sujeito que define quem são os outros significativos.

Esta escala tem um total de doze itens e cada subescala é avaliada através de quatro itens. Trata-se de uma escala de resposta de tipo Likert de 7 pontos que varia entre 1 (“discordo completamente”) e 7 (“concordo completamente”).

A cotação total desta escala é realizada através da soma da cotação de todos os itens a dividir pelo número total de itens (12). A cotação das subescalas faz-se através da soma da cotação dos quatro itens correspondentes, a dividir pelo número total de itens da subescala (4). A pontuação máxima da escala e das subescalas é sete, sendo que, uma pontuação elevada na escala total significa que o sujeito perceciona um nível elevado de suporte social. Uma pontuação elevada numa das subescalas remete para uma alta perceção de suporte social, através daquela fonte específica.

Relativamente às características psicométricas, a MSPSS total e as respetivas subescalas apresentam uma ótima consistência interna na população geral ($\alpha=.94$), tal como, uma validade de construto e uma validade fatorial adequadas (Zimet et al., 1988). Esta escala apresenta também uma boa fiabilidade teste-reteste e uma boa estabilidade temporal. Em suma,

a MSPSS demonstrou ter características psicométricas adequadas, podendo ser utilizada em amostras clínicas e não clínicas na população portuguesa. Porém não pode ser utilizada em indivíduos com um grau de escolaridade inferior ao 4º ano, isto é, ao ensino básico.

Foi selecionado este instrumento, para a avaliação do Suporte Social Percebido devido às suas características psicométricas, mas também, por ser o instrumento que mais se aproximava ao que pretendíamos avaliar neste estudo, sendo que a integração da dimensão “outros significativos” foi um fator determinante.

Procedimento

Antes de iniciar a recolha de dados, foram contactados os autores das adaptações e validações para a população portuguesa dos três instrumentos selecionados. No contacto foi solicitada autorização para a utilização dos referidos instrumentos, assim como, as instruções para a cotação dos mesmos. Todos os autores consentiram com a utilização dos seus instrumentos para a referida investigação.

Foi incluído no protocolo um consentimento informado onde foi salientado o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, assim como, o carácter de participação voluntária do estudo e a possibilidade de o abandonar a qualquer momento. Foi também disponibilizado um email para o eventual esclarecimento de dúvidas.

O protocolo final foi constituído pelo consentimento informado, pelo questionário sociodemográfico e pelas seguintes escalas: Questionário de Trauma de Infância - Versão Curta; Escala de Vinculação do Adulto (EVA) e Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (MSPSS), que foram aplicadas pela ordem referida e num único momento de avaliação.

O questionário foi aplicado através da plataforma Qualtrics. O link para o preenchimento do questionário foi colocado e partilhado nas redes sociais, nomeadamente no Instagram e no Facebook, com o intuito de alcançar um maior número de participantes. A recolha de dados foi realizada exclusivamente em regime online e decorreu entre 1 de Março de 2022 e 1 de Maio de 2022.

Quanto às questões éticas, foi garantido aos participantes que todos os dados seriam anónimos e confidenciais, sendo essa condição comunicada aos sujeitos assim como, a possibilidade de desistência a qualquer momento. Foram tidos em consideração os princípios de segurança e proteção dos sujeitos, assim como o bem-estar, dignidade e os potenciais riscos da participação. Para garantir a confidencialidade, toda a informação recolhida foi tratada de forma sigilosa. Tal como foi certificado que não existiam detalhes que identificassem o sujeito,

para além dos dados sociodemográficos, sendo que os dados pedidos foram apenas os necessários para a investigação. Embora o presente estudo avalie temáticas que podem ser consideradas sensíveis, estas foram abordadas de forma a garantir a Beneficência e Não Maleficência, isto é, o estudo foi realizado com o intuito de não prejudicar ou causar qualquer dano ao sujeito.

Plano Analítico

O presente estudo, pretendeu analisar se existiam diferenças significativas entre os sujeitos que sofreram de abuso emocional na infância e os sujeitos que não sofreram desta problemática, relativamente ao padrão de vinculação e ao suporte social percebido na idade adulta. Para avaliar as referidas diferenças foram criados dois grupos: o grupo Sem Abuso Emocional (SAE; $n = 121$), constituído pelos indivíduos que não experienciaram abuso emocional na infância e o grupo Abuso Emocional (AE; $n = 179$), constituído pelos indivíduos com experiência de abuso emocional na infância.

A atribuição dos participantes a estes dois grupos, foi realizada com base na média das respostas fornecidas aos itens das dimensões *abuso emocional* e *negligência emocional* do Questionário de Trauma de Infância. A diferenciação entre os indivíduos pertencentes a cada um dos grupos foi realizada com base no ponto de corte de 1.6, uma vez que no instrumento original a resposta 2 na escala de Likert correspondia a “poucas vezes”. O que significa que estes sujeitos vivenciaram abuso emocional pelo menos uma vez durante a infância, tendo por isso sido considerados, para os efeitos do presente estudo, vítimas de abuso emocional.

Para analisar os padrões de vinculação na idade adulta, foram formados quatro grupos organizados da seguinte forma: Grupo S (correspondente ao padrão de vinculação seguro, $n = 173$); Grupo P (correspondente ao padrão de vinculação inseguro preocupado, $n = 64$); Grupo D (correspondente ao padrão de vinculação inseguro desligado, $n = 18$) e Grupo A (padrão de vinculação inseguro amedrontado, $n = 45$). A organização dos grupos foi feita de acordo com as indicações dadas na escala utilizada para avaliar a vinculação, a EVA.

Quanto aos procedimentos estatísticos, inicialmente foi conduzida uma Correlação de *Pearson* que teve como intuito avaliar a existência de uma associação entre as variáveis “abuso emocional na infância” e “suporte social percebido”, assim como o grau de relação entre estas. Seguidamente, foram conduzidas ANOVAs *One-Way* para comparar o nível de suporte social percebido total e de cada dimensão (Família, Amigos e Outros Significativos) entre os dois grupos de experiência de abuso emocional na infância (SAE e AE). Através do mesmo teste, foi avaliada a existência de diferenças significativas entre os grupos SAE e AE,

relativamente às dimensões da Vinculação na Idade Adulta (Confiança nos Outros, Conforto com a Proximidade e Ansiedade).

Para avaliar se existia uma associação entre a experiência de abuso emocional na infância (grupo SAE e AE) e o padrão de vinculação inseguro, foi realizado um Teste Qui-Quadrado. Os grupos relativos ao abuso emocional na infância seguiram as indicações referidas anteriormente. Para esta análise, o padrão de vinculação foi dividido apenas em dois grupos, padrão de vinculação seguro ($n = 173$) e padrão de vinculação inseguro ($n = 127$). O segundo grupo inclui o padrão de vinculação inseguro desligado, preocupado e amedrontado. À semelhança dos grupos criados anteriormente, o ponto de corte foi 3, tal como indicado pelos autores da Escala da Vinculação do Adulto.

Por fim, foi realizada uma ANOVA *Two-Way* para avaliar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre a experiência de abuso emocional na infância (grupos SAE e AE) e o padrão de vinculação (grupos S, P, D e A) no suporte social percebido. Uma vez que a ANOVA apenas permite verificar a existência de diferenças significativas, mas não nos indica os grupos entre os quais essas diferenças se encontram, para que pudéssemos compreender as interações significativas entre os grupos em estudo foi efetuada uma análise post-hoc, com correções Bonferroni, que devido à dimensão da amostra é aquela que apresenta maior poder estatístico (Field, 2013).

O nível de significância tido em conta para as análises foi de .05. Verificou-se uma distribuição normal em todos os grupos e nas diversas variáveis. Por se tratar de uma amostra superior a 50 participantes esta avaliação foi realizada através do teste Kolmogorov-Smirnov. A homogeneidade de variâncias foi avaliada através do teste de Levene e utilizou-se o teste robusto de Welch, nos casos em que se verificou heterocedasticidade de variâncias.

Por fim, o tratamento e análise dos dados foi realizado através do software estatístico IBM SPSS Statistics 26.0 para Windows, fornecido pelo ISPA-IU.

Resultados

Associação entre Abuso Emocional na Infância e Suporte Social Percebido

De forma a analisar se existia uma associação entre o abuso emocional na infância e o suporte social percebido, realizou-se um teste de coeficiente de correlação de Pearson.

Verificou-se uma correlação significativa entre as variáveis, $r = -.47, p < .001$. Trata-se de uma correlação negativa moderada, no qual verificámos que a frequência do abuso emocional na infância está negativamente correlacionada com o suporte social percebido.

Como tal, o abuso emocional na infância está associado a um menor suporte social percebido. Os resultados demonstram que ambas as variáveis estão associadas, quanto mais elevada for a frequência do abuso emocional na infância, menor será o suporte social percebido pelo sujeito que experienciou esta problemática.

Abuso Emocional na Infância e Suporte Social Percebido Total, Família, Amigos e Outros Significativos

Através da ANOVA *One-Way* foi avaliado se existiam diferenças significativas entre os dois grupos de abuso emocional na infância, relativamente ao Suporte Social Percebido Total e às diferentes fontes de suporte (Família, Amigos e Outros Significativos). Na tabela 2 encontram-se reportadas as médias (*M*) e desvios padrão (*DP*) do suporte social percebido relatado pelos sujeitos dos dois grupos.

Tabela 2:

Médias (M) e Desvios Padrão (DP) referentes à experiência de abuso emocional na infância e suporte social percebido

Suporte Social Percebido	Grupo SAE		Grupo AE	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Total	6.18	0.83	5.29	0.91
Família	6.28	0.81	4.72	1.44
Amigos	4.02	0.70	3.63	0.79
Outros	6.24	1.04	5.72	1.11

Nota. SAE: “Sem Experiência de Abuso Emocional na Infância”; AE: “Experiência de Abuso Emocional na Infância”.

O Suporte Social Percebido Total e o Suporte Social Percebido - Família não apresentaram homogeneidade de variâncias, isto é, o teste de Levene revelou-se significativo, desta forma, optámos por reportar o valor de Welch’s F (Field, 2013).

Relativamente ao Suporte Social Percebido Total, segundo o teste robusto de Welch, existe uma diferença significativa entre os dois grupos (SAE e AE), $Welch(1, 273.51) = 75.26, p < .001, \omega = .44$. Os sujeitos pertencentes ao grupo AE apresentaram menos suporte social percebido total, comparativamente ao grupo SAE, o que indica que os sujeitos que vivenciaram abuso emocional na infância, percebem valores mais reduzidos de suporte social. Enquanto os sujeitos que não sofreram deste tipo de abuso, apresentaram valores mais elevados na dimensão total desta variável.

Tendo em conta os resultados acima referidos, fomos analisar se existiam diferenças significativas entre os grupos SAE e AE, relativamente às três fontes de suporte social percebido.

No Suporte Social Percebido - Família, também com base no valor de Welch's F, foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos, $Welch (1, 289.26) = 142.04, p < .001, \omega = .53$. Para as restantes dimensões, os pressupostos foram cumpridos e as diferenças encontradas foram significativas. Portanto, verificamos que o suporte social percebido por parte dos Amigos, $F(1, 298) = 18.61, p < .001, \omega = .24$ e por parte de Outros Significativos, $F(1, 298) = 16.84, p < .001, \omega = .22$, diferiu consoante a experiência, ou não, de abuso emocional na infância. Sendo que à semelhança do Suporte Social Percebido Total e Família, os sujeitos que sofreram de abuso emocional na infância, apresentaram scores mais reduzidos de suporte social percebido por parte das fontes Amigos e Outros Significativos. Ao consultarmos a tabela 2, verificamos que a média do suporte social percebido relatada pelo grupo SAE é, em todas as dimensões, superior à do grupo AE.

Em suma, estes resultados, indicam que os sujeitos que experienciaram abuso emocional na infância, percebem menos suporte que aqueles que não foram vítimas desta problemática, estas diferenças ocorrem na dimensão total desta variável, assim como nas suas diferentes fontes (Família, Amigos e Outros Significativos).

Abuso Emocional na Infância e Vinculação na Idade Adulta

Seguidamente, foi realizada uma ANOVA *One-Way* para averiguar se existiam diferenças significativas entre o grupo SAE e AE relativamente às dimensões “Confiança nos Outros”, “Conforto com a Proximidade” e “Ansiedade” da EVA. Na tabela 3 encontram-se reportadas as médias (*M*) e os desvios padrão (*DP*) relativos à experiência de abuso emocional na infância e dimensões da vinculação na idade adulta.

Tabela 3

Médias (M) e Desvios Padrão (DP) relativas à experiência de abuso emocional na infância e dimensões da vinculação na idade adulta

	Grupo SAE		Grupo AE	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Confiança nos Outros	3.28	0.59	3.01	0.63
Conforto com a Proximidade	3.68	0.58	3.32	0.62
Ansiedade	2.46	0.95	2.89	1.00

Nota. SAE: “Sem Experiência de Abuso Emocional na Infância”; AE: “Experiência de Abuso Emocional na Infância”.

A ANOVA *One-Way* demonstrou um efeito significativo da experiência de abuso emocional na infância em todas as dimensões avaliadas, Confiança nos Outros, $F(1, 298) = 14.31, p < .001, \omega = .20$, Conforto com a Proximidade, $F(1, 298) = 25.22, p < .001, \omega = .30$ e Ansiedade, $F(1, 298) = 13.57, p < .001, \omega = .20$. Especificamente, indivíduos com vivência de abuso emocional na infância, apresentam scores mais reduzidos nas dimensões “Confiança nos Outros”, “Conforto com a Proximidade”, comparativamente com aqueles que não viveram uma experiência abusiva emocionalmente durante a infância. Ao consultarmos a referida tabela, verificamos que a média das dimensões previamente indicadas é superior no grupo SAE, comparativamente ao grupo AE. Quanto à dimensão “Ansiedade”, esta apresenta valores médios superiores no grupo AE.

Em suma, estes resultados indicam que os sujeitos que experienciaram abuso emocional na infância confiam menos nos outros, sentem-se menos confortáveis com a proximidade e são mais ansiosos do que os sujeitos que não sofreram deste tipo de abuso.

Abuso Emocional na Infância e Padrão de Vinculação Inseguro

Para avaliar se existia uma associação entre a experiência de abuso emocional na infância (grupo SAE e AE) e o padrão de vinculação inseguro, foi realizado um Teste Qui-Quadrado. Os resultados evidenciaram uma associação significativa entre a experiência de abuso emocional na infância e o padrão de insegurança da vinculação, $X^2(1) = 20.97, p > .001$. O tamanho do efeito foi calculado pelo *V* de Cramer mostrou-se médio .26.

A maioria dos sujeitos com padrão de vinculação inseguro teve experiência de abuso emocional na infância (53.1%). Num total de 300 participantes, 127 apresentaram um padrão de vinculação inseguro e 74.8% desta amostra experienciou abuso emocional na infância.

Como tal, podemos afirmar que a experiência de abuso emocional na infância, está associada com o padrão de vinculação inseguro. Porém é de salientar que dos 173 indivíduos com padrão de vinculação seguro, 41.6% experienciou abuso emocional durante a infância.

Abuso Emocional na Infância, Padrão de Vinculação e Suporte Social Percebido Total

Na Tabela 4 é possível observar a quantidade e percentagem de sujeitos, em cada um dos padrões de vinculação, em função da experiência de abuso emocional na infância, assim como a sua totalidade.

Tabela 4

Quantidade (N) e percentagem (%) de participantes em cada um dos padrões de vinculação na idade adulta, em função do grupo

Padrão de Vinculação	Grupo SAE		Grupo AE		Total	
	N	%	N	%	N	%
Seguro	89	73.5	84	46.9	173	57.7
Preocupado	22	18.2	42	23.5	64	21.3
Desligado	3	2.5	15	8.4	18	6
Amedrontado	7	5.8	38	21.2	45	15
Total	121	100	179	100	300	100

Nota. SAE: “Sem Experiência de Abuso Emocional na Infância”; AE: “Experiência de Abuso Emocional na Infância”.

Os dados revelam que o padrão de vinculação seguro é o mais comum em ambos os grupos. Porém, se for efetuada a soma dos sujeitos pertencentes aos três padrões de vinculação inseguro, o grupo AE apresenta um maior número de sujeitos com padrão de vinculação inseguro, do que com padrão de vinculação seguro, sendo que o padrão inseguro mais comum em ambos os grupos é o inseguro preocupado. O padrão de vinculação inseguro mais comum é o padrão inseguro evitante, uma vez que os padrões desligado e amedrontado, pertencem ambos a este padrão. Por outro lado, o padrão de vinculação menos comum na totalidade da presente amostra é o padrão inseguro desligado. Por fim, a maior diferença na quantidade de sujeitos entre grupos, ocorre no padrão de vinculação inseguro amedrontado.

Foi efetuada uma ANOVA *Two-Way* com o intuito de verificar se a experiência de abuso emocional na infância (grupos SAE e AE) e o tipo de padrão de vinculação na idade adulta (grupos S, P, D e A) influenciavam o suporte social percebido. A Análise de Variâncias (ANOVA), evidenciou um efeito significativo da experiência de abuso emocional na infância no suporte social percebido, $F(1, 292) = 16.14, p < .001, \eta_p^2 = .052$. O teste de comparações

múltiplas, com correções Bonferroni, demonstrou que os sujeitos que sofreram de abuso emocional na infância (grupo AE) perceberam um suporte social significativamente mais reduzido ($M = 5.15$, $DP = .91$), do que os sujeitos que não sofreram este tipo de abuso (grupo SAE) ($M = 5.82$, $DP = .82$).

Verificou-se ainda um efeito significativo do padrão de vinculação na idade adulta no suporte social percebido, $F(3, 292) = 13.57$, $p < .001$, $\eta_p^2 = .122$. O teste de comparações múltiplas, com correções Bonferroni, evidenciou que os sujeitos que apresentaram um padrão de vinculação amedrontado ($M = 4.91$, $DP = .93$) apresentam níveis mais reduzidos de suporte social percebido do que aqueles com os padrões de vinculação seguro ($M = 5.97$, $DP = .82$), preocupado ($M = 5.57$, $DP = .99$) e desligado ($M = 5.5$, $DP = .96$).

Não se verificou um efeito significativo na interação entre o abuso emocional e o padrão de vinculação, $F(3, 292) = 1.76$, $p = .155$, $\eta_p^2 = .02$, o que sugere que a conjugação destas variáveis, não afeta significativamente o suporte social percebido na idade adulta.

Discussão

O presente estudo procurou aprofundar os efeitos do abuso emocional na infância ao nível da vinculação e do suporte social percebido na idade adulta. Apesar de serem conhecidos os efeitos negativos do abuso emocional infantil, este estudo revelou-se particularmente relevante por avaliar os seus efeitos na população portuguesa, numa perspetiva relacional.

No que concerne à relação entre a experiência de abuso emocional na infância e o suporte social percebido, confirmou-se a hipótese de que os indivíduos que vivenciaram abuso emocional na infância percebem menos suporte social do que aqueles que não experienciaram este tipo de abuso. Adicionalmente, os resultados obtidos indicam que uma maior frequência de abuso emocional na infância está negativamente associada com a percepção de suporte social.

Os resultados obtidos, demonstram ainda que existem diferenças significativas entre os sujeitos que sofreram de abuso emocional na infância e os que não sofreram desta problemática, ao nível do suporte social percebido por parte da família, amigos e outros significativos. Estes dados, sugerem que estes indivíduos parecem generalizar as experiências negativas provenientes do abuso emocional que vivenciaram para as diversas fontes de suporte, o que vai ao encontro da investigação realizada por Pressley e Smith (2017), cujos resultados demonstraram que os indivíduos que sofreram abuso emocional na infância apresentaram elevados níveis de solidão que provinham de uma falha em perceber e receber suporte social, por parte do meio.

As maiores diferenças entre os dois grupos foram verificadas na dimensão total do suporte social percebido e quando a fonte do mesmo é a família. Os resultados obtidos apresentam bastante significância prática, uma vez que o valor da dimensão do efeito encontra-se localizado entre o médio e o grande, respetivamente. Estes resultados poderão estar relacionados com o facto de que na maioria dos casos, o abuso emocional ocorrido na infância é perpetuado pelos progenitores ou cuidadores, ou seja, os elementos da família foram os abusadores ou os espectadores que nada fizeram para alterar o sucedido. Portanto, é possível que devido à sua experiência abusiva anterior, na idade adulta, as vítimas não vejam a família como uma fonte de conforto ou de apoio emocional.

Conforme discutido na revisão de literatura, a experiência desta problemática contribui para que, na idade adulta, estes sujeitos não percecionem o outro como alguém que estará disponível para os ajudar nas suas dificuldades ou necessidades. Devido ao abuso que sofreram, são indivíduos que apresentam dificuldades em ver os outros como fontes de suporte e uma alteração na capacidade de avaliar o suporte disponível. Por isso, sentem-se isolados e consideram que os outros estarão indisponíveis para os apoiar quando necessário. A experiência abusiva que vivenciaram ao longo da infância, leva a que se vejam a si próprios como inúteis, uma vez que foi isso que lhes foi comunicado na relação com os cuidadores. Logo, têm mais dificuldade em construir ou investir nas relações na idade adulta, uma vez que experienciaram um modelo relacional que não foi uma fonte de conforto e carinho, mas de falta de reconhecimento das suas necessidades emocionais (Barnes et al., 2016; Eslami et al., 2017).

Os resultados obtidos são consistentes com a literatura anteriormente apresentada, embora esta, assim como a totalidade das investigações realizadas até ao momento, analisem o abuso infantil em geral e não apenas o abuso emocional. Uma investigação realizada por Barnes e colaboradores (2016), indicou que os sujeitos que sofreram de maus-tratos na infância reportaram menos suporte por parte da família e amigos, sendo estabelecida uma relação direta entre ambas as variáveis. Com base nos resultados obtidos na presente investigação, podemos afirmar que a relação encontrada no referido estudo também se estabelece entre o abuso emocional na infância e o suporte social percebido.

Quanto às restantes fontes de suporte social avaliadas (amigos e outros significativos), as diferenças entre ambos os grupos, embora significativas, têm uma significância prática mais reduzida. Considera-se que a menor diferença entre os grupos, poderá dever-se ao impacto das experiências posteriores à experiência de abuso emocional. Estas poderão ter demonstrado que fontes exteriores à família, poderão ter sensibilidade e providenciar suporte. Este revela-se um dado bastante promissor, uma vez que o suporte social percebido por parte dos amigos tem

uma importância muito significativa nos sujeitos que o percebem (Singstad et al., 2021). Aliás, por vezes, na adolescência ou idade adulta, os sujeitos compensam o suporte parental reduzido investindo nas relações com os amigos (Chen et al., 2017). De acordo com Barnes e colaboradores (2016), a percepção de que os amigos e a família estarão disponíveis para fornecer suporte quando necessário é fundamental para o desenvolvimento emocional e relacional, em jovens adultos, sendo que de acordo com os referidos autores, este é o período de desenvolvimento mais vulnerável à falta de suporte social percebido.

Adicionalmente, o instrumento utilizado neste estudo para avaliar o suporte social percebido permitiu que os sujeitos seleccionassem uma fonte de suporte adicional para além da família e dos amigos (i.e., outros significativos), o que poderá ter contribuído para uma percepção de suporte mais elevada nesta dimensão, visto que a escolha dependia do sujeito.

Tendo em conta os resultados apresentados, é evidente o impacto que a experiência de abuso emocional na infância tem no suporte social percebido. É de salientar que a percepção de suporte se encontra alterada, mantendo um efeito negativo nas relações sociais estabelecidas, o que reforça o impacto a longo prazo deste tipo de abuso. Estes resultados, além de salientarem o impacto do abuso emocional na infância, também levantam diversas questões relativas ao desenvolvimento e à saúde mental das vítimas. O suporte social é indicado como um fator protetor perante as adversidades, enquanto a falta deste é considerada um fator de risco. Como tal, é importante ter em conta que estes sujeitos se encontram numa posição de vulnerabilidade, uma vez que em situações de necessidade não percebem suporte social por parte daqueles que os rodeiam e, por conseguinte, não têm capacidade para o solicitar ou aceder ao mesmo.

Relativamente à ligação entre a experiência de abuso emocional na infância e as dimensões da vinculação na idade adulta, foram encontradas diferenças significativas entre os dois grupos. De acordo com os resultados encontrados, os sujeitos que vivenciaram abuso emocional na infância têm menos confiança nos outros, sentem-se menos confortáveis perante a proximidade e apresentam um maior grau de ansiedade perante a possibilidade de ser abandonados. Tal como era esperado, tendo em conta a literatura supracitada.

O efeito encontrado entre a experiência de abuso emocional na infância e um score mais reduzido na dimensão da confiança nos outros, poderá estar relacionado com o facto de que quando eram crianças, a dependência no outro não foi de carácter positivo. Não havia segurança, nem estabilidade na relação com o cuidador e essa experiência possivelmente impactou os modelos relacionais posteriores. Por vezes, em contextos abusivos emocionalmente os cuidadores podem ser simultaneamente fontes de suporte e de medo, o que leva a uma posição conflitual, ambivalente e de insegurança, uma vez que a criança não consegue prever qual será

a resposta dada pelo cuidador ou se pode ou não depender deste (Riggs et al., 2011). Estes resultados são reforçados por um estudo, realizado por Singstad e colaboradores (2021), que indica que a falta de cuidados precoces confiáveis está relacionada com a falta de confiança e insegurança nas relações posteriores.

Conforme referido na revisão de literatura, as representações criadas a partir da díade, permitem um guia para as ligações afetivas posteriores. Representam o que o sujeito espera do outro, se prevê que este seja responsivo e em que medida se sentirá seguro e confortável nas suas relações interpessoais (Kapeleris & Paivio, 2011). Quando ocorre abuso emocional, esta vivência irá influenciar a confiança que sente na relação com o outro (Allbaugh et al., 2018). Tendo em conta os resultados apresentados, podemos afirmar que a experiência de abuso emocional na infância está relacionada com dificuldades por parte dos sujeitos em sentirem-se seguros quando estabelecem relações de intimidade.

Adicionalmente, a partir dos resultados obtidos verificou-se que o grupo que experienciou abuso emocional na infância apresentou níveis mais elevados de ansiedade. Estes dados, sugerem que a vitimização que estes sujeitos sofreram durante a infância, contribui para que as relações de intimidade na idade adulta sejam causadoras de ansiedade e preocupação, devido ao receio que estes indivíduos têm de não serem verdadeiramente gostados pelo outro. A ansiedade na vinculação está relacionada com modelos negativos do self, assim como com a preocupação perante o abandono por parte das figuras com quem o sujeito estabelece uma relação de proximidade (Riggs & Kaminski, 2010).

Estes resultados são suportados por diversos estudos que afirmam que a longo prazo, a vivência de abuso emocional na infância pode levar a um receio do abandono (Kapeleris & Paivio, 2011; Lowell et al., 2014). Quando ocorre abuso emocional durante a infância, as crianças sentem que correm o risco de serem abandonadas, caso não satisfaçam as necessidades do abusador, uma vez que lhes é dito que essa é a sua única utilidade. Através dos comportamentos negligentes e da comunicação hostil, estas crianças crescem num ambiente onde sentem que não são gostadas e desenvolvem a ideia de que não têm valor, o que as torna vulneráveis ao receio do abandono ou rejeição, que se mantém mesmo na idade adulta (Riggs & Kaminski, 2010; Kapeleris & Paivio, 2011).

Por fim, foram encontradas diferenças significativas entre os grupos SAE e AE relativamente ao conforto com a proximidade. Os resultados obtidos evidenciaram que o grupo que experienciou abuso emocional na infância apresentou um menor conforto com a proximidade, confirmando, portanto, a nossa segunda hipótese. De salientar que, esta foi a

dimensão em que se verificou uma maior diferença entre os dois grupos e cujos resultados apresentam uma maior significância prática, devido ao tamanho do efeito.

Com base nestes resultados, concluímos que os sujeitos que experienciaram abuso emocional na infância, evidenciam uma maior dificuldade em desenvolver relações de intimidade e em sentirem-se próximos dos outros. Para estes indivíduos, a proximidade não é sinónimo de apoio e não é vivida como prazerosa. As bases fundamentais da vinculação e por conseguinte da relação entre o sujeito e o outro, apresentam valores mais baixos nos sujeitos que sofreram abuso emocional na infância. Estas dificuldades impactam as relações estabelecidas, assim como a forma como estes indivíduos veem o outro.

O conforto com a proximidade está associado com os modelos que temos acerca dos outros. Os sujeitos que experienciaram abuso emocional na infância viveram em ambientes marcados pela negligência, o que leva a que estes sintam desconforto perante a proximidade e por vezes a evitem. Na infância, os elementos que estavam próximos eram aqueles que causavam sofrimento, conseqüentemente na idade adulta são indivíduos que têm dificuldade e sentem-se confortáveis perante a proximidade do outro, seja esta física ou emocional. Todavia, apesar das experiências negativas que viveram, por vezes as vítimas de abuso emocional desejam a proximidade com outros, apesar de terem medo da rejeição (Maguire et al., 2015).

Devido às suas experiências precoces, estes indivíduos têm relutância em entrar em relações de proximidade ao longo de todo o ciclo de vida (Kapeleris & Paivio, 2011). O ambiente em que crescemos, influencia a capacidade e a confortabilidade que temos perante os vínculos que estabelecemos, nomeadamente no que diz respeito às relações de intimidade. De acordo com Kapeleris e Paivio (2011), o abuso emocional interfere na capacidade de o sujeito identificar, conhecer e expressar as suas emoções na idade adulta, sendo que estas são capacidades que são essenciais para a intimidade e proximidade.

Tendo em conta os dados anteriormente referidos, era expectável que existisse uma associação entre a experiência de abuso emocional na infância e o padrão de vinculação inseguro na idade adulta, essa hipótese foi confirmada pelos resultados obtidos. O abuso emocional na infância e a vinculação na idade adulta, são duas variáveis relacionais, que remetem tanto para a relação do sujeito consigo mesmo, como para a relação do sujeito com o outro. A associação entre estas duas variáveis, reforça a posição de fragilidade que tem vindo a ser discutida relativamente aos indivíduos que sofreram de abuso emocional na infância.

As crianças modelam-se aos adultos que as rodeiam, como tal, é essencial proporcionar às crianças boas experiências relacionais, com modelos presentes e consistentes, imprescindíveis à estruturação de um desenvolvimento adequado. Os cuidadores que são

abusivos emocionalmente, são caracterizados como pouco responsivos e com uma sensibilidade reduzida perante as necessidades emocionais dos seus filhos, negligenciando-as ou desconsiderando-as.

O comportamento inconsistente e intrusivo por parte das figuras parentais, vivenciado num contexto de abuso emocional, é frequentemente caracterizado por um padrão de vinculação inseguro que persiste até à idade adulta (Arslan, 2017; Riggs & Kaminski, 2010; Toth & Manly, 2019). Isto condiciona as relações estabelecidas nesta fase de vida e, reforça a ideia de que as consequências causadas pelo abuso emocional na infância são vividas a curto e a longo prazo.

Não existe consenso na literatura relativamente ao padrão de vinculação inseguro mais associado à experiência de abuso emocional na infância. Ainda assim, a descrição presente na literatura referente ao tipo de cuidadores indicados como causadores de um padrão de vinculação inseguro evitante é semelhante ao comportamento descrito acerca de um cuidador abusivo emocionalmente. Um estudo realizado por Riggs e colaboradores (2011) afirmou que o padrão de vinculação inseguro, nomeadamente o padrão inseguro evitante, está relacionado com o abuso emocional na infância. Porém na referida investigação esta relação ocorre apenas no sexo feminino. No presente estudo, não foi avaliada a distinção entre os sexos e os padrões de vinculação foram divididos, apenas em seguro ou inseguro. Adicionalmente, conforme pode ser visto na Tabela 4, quando existe experiência de abuso emocional na infância, este é o padrão de vinculação inseguro mais comum, visto que inclui os padrões desligado e amedrontado.

Apesar da nossa terceira hipótese ter sido confirmada, é de salientar que os resultados demonstraram a existência de uma percentagem de participantes que vão contra a referida hipótese. Estes casos poderão ser resultado da influência de fatores protetores, fatores de risco ou devido às relações que estes sujeitos estabeleceram ao longo do seu desenvolvimento e restante ciclo de vida. Os referidos resultados serão discutidos seguidamente.

Apesar da evidência teórica e prática apresentada anteriormente, existiu um conjunto de indivíduos que experienciou abuso emocional na infância e que apresenta um padrão de vinculação seguro na idade adulta. Tendo em conta que não temos acesso ao padrão de vinculação desenvolvido na infância, não sabemos se estes sujeitos formaram um padrão de segurança desde a infância ou se este foi atualizado ao longo do desenvolvimento. Conforme referido, estes dados embora vão numa direção diferente da hipotetizada, porém existem estudos que apresentaram resultados semelhantes. Nomeadamente, um estudo realizado por Baer e Martinez (2006) que demonstrou que 22% das crianças pertencentes ao grupo que tinha

sofrido de abuso na infância apresentava um padrão de vinculação seguro, algo que os autores atribuíram à existência de fatores protetores.

Embora durante a infância exista uma dependência física e emocional dos cuidadores e por conseguinte, uma maior suscetibilidade ao abuso emocional, a frequência de diversos contextos ou a interação com outros familiares (e.g., avós ou tios), poderá ser um elemento fundamental para o bom desenvolvimento destas crianças. Esta interação, poderá fornecer um padrão de segurança e de afeto que serve de fator protetor, perante as experiências adversas. Na infância, a presença de uma figura emocionalmente disponível, seja um familiar, um amigo ou um professor, é um fator diferenciador perante o desenvolvimento. Independentemente de o sujeito ter ou não, uma experiência de abuso emocional ou um padrão de vinculação inseguro (Almeida et al., 2021).

Desta forma, coloca-se a hipótese de que o padrão de segurança da vinculação poderá ter-se desenvolvido devido à presença de outras figuras de referência, com quem foi estabelecida a relação de vinculação, ou que providenciaram uma relação segura e contentora que protegeu estes sujeitos das consequências das vivências abusivas, ou que atualizou os modelos relacionais que tinham sido criados até então. As experiências positivas na infância, têm um efeito positivo e diferenciador no desenvolvimento a longo prazo e, por conseguinte, na idade adulta. Neste sentido, de acordo com Riggs e Kaminski (2010), uma infância sem experiências ou vínculos positivos poderá ser mais prejudicial do que a vivência de abuso durante esta etapa da vida.

De salientar que os modelos relacionais continuam a evoluir ao longo do ciclo de vida, aliás, a vinculação na idade adulta é a continuidade entre os padrões e modelos adquiridos durante a infância, adolescência e idade adulta. Embora sejam consistentes ao longo do ciclo de vida, os padrões de vinculação não são estáticos, são passíveis de alterar com base em eventos de vida significativos ou com novas relações que venham atualizar os modelos anteriormente criados (McLewin & Muller, 2006). Ao longo da vida, vamos formando novas relações que atualizam aquelas que tivemos anteriormente, as relações de proximidade quer com amigos, quer relações românticas e que poderão ser fontes de conforto e segurança.

As experiências relacionais posteriores ao abuso emocional vivido na infância, poderão ter contribuído para o desenvolvimento por um padrão de vinculação seguro na idade adulta, uma vez que foram construídas relações geradoras de confiança e onde o outro se manteve presente e disponível para o sujeito, tornando a proximidade algo prazeroso. De salientar que o suporte relacional tem um papel determinante na idade adulta, que a vinculação no adulto tem uma natureza dinâmica e é permeável a novas experiências relacionais (Pressley & Smith,

2017). De acordo com Riggs e colaboradores (2011) os sujeitos que apresentam um padrão de vinculação seguro, independentemente da vivência de uma experiência abusiva na infância, apresentam um maior nível de ajustamento, desta forma o padrão de vinculação seguro é ele próprio considerado um fator protetor. Por fim, conforme apontado por Cicchetti e Toth (2016) nem todos os sujeitos que foram vítimas de maus-tratos têm um desenvolvimento desadaptativo, a resiliência é um caminho possível. Neste sentido, os resultados obtidos no presente estudo demonstram a plasticidade do processo de desenvolvimento, ainda que na presença de adversidade.

Adicionalmente, também existiu um grupo de sujeitos que não vivenciaram abuso emocional na infância, mas que apresentaram um padrão de vinculação inseguro. À semelhança do conjunto de sujeitos discutido anteriormente, visto que não há informação acerca da fase da vida em que o padrão de insegurança se estabeleceu, serão seguidamente discutidos os fatores que poderão ter contribuído para o desenvolvimento de um padrão de vinculação inseguro na infância e na idade adulta.

Uma possível explicação, poderá residir no facto de estes serem sujeitos que sofreram abuso emocional na infância, mas não tiveram consciência do mesmo. Como tal, uma vez que se trata de um questionário de autorrelato, não foram considerados como vítimas, mas apresentam as consequências desta problemática. Conforme referido, não existe informação acerca do padrão de vinculação destes sujeitos durante a infância logo, poderão ser sujeitos cuja relação de vinculação era insegura à priori e que mantiveram o mesmo padrão na idade adulta. Obviamente, a causa do padrão de insegurança da vinculação pode ter outras fontes para além do abuso emocional, portanto podemos atribuir o desenvolvimento deste padrão a outros fatores de risco, tais como a ocorrência de outras vivências e/ou experiências negativas na infância e/ou ao longo do ciclo de vida. O desenvolvimento do sujeito poderá ter contribuído, tanto positivamente como negativamente, para o padrão de vinculação formado durante a infância (Cicchetti & Toth, 2016; Maguire et al., 2015). Durante o ciclo de vida, poderão ter existido experiências ou problemáticas que tenham afetado negativamente a capacidade e a disponibilidade do sujeito para confiar nos outros, para se sentir confortável com a proximidade e/ou sentir como certa a permanência do outro, o que, por conseguinte, se refletem num padrão de vinculação inseguro na idade adulta.

Por fim, os resultados obtidos indicam que tanto a experiência de abuso emocional na infância, como o padrão de vinculação na idade adulta têm um efeito significativo no suporte social percebido. Porém, tal não acontece na interação entre ambas as variáveis. Apesar de não se ter verificado uma interação estatisticamente significativa entre estas variáveis, não podemos

desvalorizar o impacto desta problemática. Os dados da presente investigação comprovam que o padrão de vinculação na idade adulta afeta o suporte social percebido, sendo que os padrões de vinculação inseguros, remetem para uma menor percepção de suporte social.

Os valores mais baixos de suporte social percebido pertencem aos sujeitos com padrão inseguro amedrontado. Tal como evidenciado na revisão de literatura, os sujeitos com padrão de vinculação inseguro amedrontado, embora desejem a proximidade, evitam-na devido ao medo que sentem de serem abandonados ou rejeitados. Adicionalmente, são sujeitos que têm uma ideia negativa acerca de si mesmos, o que faz com que não se considerem merecedores de suporte e apoio. Como tal, a relação com uma menor percepção de suporte social, vai ao encontro do que é apresentado na literatura acerca do tema.

O grupo de sujeitos com padrão de vinculação inseguro evitante (constituído pelos padrões de vinculação desligado e amedrontado), percecionou uma quantidade inferior de suporte social, comparativamente com os sujeitos pertencentes ao padrão seguro e preocupado. De salientar que, embora difiram quanto ao receio de serem abandonados, ambos os padrões de vinculação evitante, apresentam modelos negativos acerca dos outros (Godbout et al., 2017). Conforme referido na revisão de literatura, os indivíduos com este padrão não apresentam confiança nos outros, nem conforto com a proximidade. Contudo, estas são capacidades fundamentais para ver os outros como disponíveis e enquanto fontes de suporte. Logo, são indivíduos com dificuldades em formar relações de proximidade e intimidade, o que leva a que percecionem as relações como menos próximas e tenham menos probabilidade de procurar suporte (Allbaugh et al., 2018), comparativamente com os sujeitos com um padrão de vinculação seguro ou ansioso (Zinn et al., 2017). Aliás, segundo Riggs e colaboradores (2011), os sujeitos com padrão de vinculação desligado, desvalorizam a importância das relações de intimidade, como tal são ainda menos propensos a procurar suporte. Possivelmente, lidam com as suas dificuldades sozinhos e sem recorrer ao outro, o que poderá ter consequências negativas para o seu bem-estar.

Existe a possibilidade desta reduzida percepção de suporte social, se dever às relações precoces estabelecidas com o cuidador, devido à internalização da falta de responsividade do mesmo (Allbaugh et al., 2018). Possivelmente, esta falha mantém um efeito negativo no modelo relacional atual, visto que de acordo com a teoria de vinculação, os indivíduos formam modelos relacionais com base na sua experiência relacional com os cuidadores e utilizam-nas nas suas relações posteriores (Allbaugh et al., 2018). Assim, o padrão de segurança na vinculação está fortemente relacionado com uma maior percepção de suporte social, apesar de tanto os fatores contextuais como individuais, exercerem uma forte influência na avaliação do

suporte recebido e percebido (Eagle et al., 2019). Na vinculação do adulto, o padrão de vinculação seguro remete para relações que providenciam conforto, segurança e suporte, uma vez que têm a crença de que o outro estará disponível, estes indivíduos são mais capazes de perceber e utilizar o suporte disponível. À semelhança da literatura apresentada, no presente estudo o grupo de sujeitos com padrão de vinculação seguro foi aquele que apresentou valores de suporte social percebido mais elevados, o que indica que estes sujeitos além de utilizarem e aceitarem o suporte disponível, também têm uma maior capacidade para o perceber.

Por outro lado, os sujeitos com padrão de vinculação inseguro têm uma percepção e expectativa alterada acerca do suporte social, o que leva a que reportem um menor suporte social percebido (Arslan, 2009; Chen et al., 2017). De acordo com Maguire e colaboradores (2015), o padrão de vinculação inseguro ansioso é aquele que apresenta uma maior redução do suporte social percebido, ao contrário do que é evidenciado pelos resultados obtidos neste estudo, que estabelecem uma maior ligação entre um reduzido suporte social percebido e o padrão de vinculação inseguro amedrontado.

As conclusões retiradas a partir dos nossos resultados reforçam a relação entre a vinculação e o suporte social percebido, uma vez que os indivíduos, ao não estarem confortáveis com a proximidade, não reconhecerem os outros como disponíveis, não irão solicitar e muito menos perceber suporte social.

Por fim, de acordo com os resultados encontrados e, com base na literatura apresentada, consideramos que a análise da vinculação permite uma melhor compreensão das relações estabelecidas, nomeadamente na idade adulta. A inclusão desta variável permitiu principalmente entender de que forma são criados os laços afetivos, assim como de que forma os sujeitos percebem o suporte social, nomeadamente o suporte que consideram merecer e, por conseguinte, o que esperam receber. De salientar que o padrão de vinculação e o suporte social percebido são considerados construtos estáveis ao longo do tempo. O mesmo acontece com a vinculação na infância e na idade adulta (Muller et al., 2008). Como tal, os resultados encontrados além de consistentes com a literatura e com estudos anteriores, parecem apresentar uma boa estabilidade temporal.

Limitações

Tal como em todos os estudos científicos, este trabalho apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Primeiramente, tratou-se de um estudo com base no autorrelato, em que todas as variáveis foram avaliadas apenas de acordo com a descrição que o sujeito fez da sua experiência. Embora tenham sido excluídos os indivíduos que apresentavam índice de

negação na avaliação do abuso emocional, tendo em conta o carácter sensível das variáveis avaliadas, é prudente considerar a deseabilidade social como uma limitação. Apesar da limitação enunciada, no caso do abuso infantil os estudos realizados através de instrumentos de autorrelato são mais reveladores do que os estudos baseados noutras fontes de informação, uma vez a maioria dos abusos nunca são reportados (MacDonald et al., 2016). Adicionalmente, para esta variável este método apresenta fiabilidade e estabilidade temporal (MacDonald et al., 2016). Ainda assim, é de salientar que a avaliação do abuso emocional na infância neste estudo se baseou numa medida retrospectiva, acerca de algo que o sujeito poderá não ter consciência de ter vivenciado. Como tal, os resultados obtidos poderão ter sido influenciados por falta de memória dos acontecimentos ou a processos de evitamento.

Em segundo lugar, a recolha de dados da presente investigação foi conduzida exclusivamente online, o que permitiu o acesso a um maior número de participantes. Porém, reconhecemos que ao utilizar este método permitimos que os participantes tivessem acesso a instrumentos de avaliação psicológica. Além disso, tornou-se impossível controlar as condições ambientais em que o questionário foi preenchido. Não obstante os riscos enunciados, optou-se por esta metodologia não só devido ao contexto pandémico, mas também, porque desta forma foi possível ter acesso a um maior número de participantes, o que contribuiu uma amostra mais elevada, assim como potenciou a existência de indivíduos de ambos os grupos em estudo (indivíduos com e sem experiência de abuso emocional na infância).

Adicionalmente, neste estudo não foram exploradas as eventuais experiências positivas e fatores protetores que poderão influenciar as consequências quer do abuso emocional na infância, quer contribuir para um padrão de vinculação seguro ou para níveis mais elevados de suporte social percebido na idade adulta.

Por fim, tratou-se de uma amostra maioritariamente constituída por elementos do sexo feminino (72.3%). Apesar deste constrangimento, a investigação não indica que existam diferenças relativamente à experiência de abuso emocional em ambos os sexos.

Relativamente a estudos futuros, seria relevante replicar este estudo com crianças, de modo a avaliar os efeitos da experiência do abuso emocional na forma como se veem si próprias e ao outro, nas relações que estabelecem e na perceção de suporte social a curto-prazo.

Consideramos também que poderia ser relevante a utilização de um método de investigação longitudinal, com medidas mais precisas de autorrelato, de forma a avaliar as consequências a curto e longo prazo, assim como, a evolução das mesmas tendo acesso ao processo de desenvolvimento do sujeito. Tendo em conta os resultados obtidos, consideramos que esta metodologia seria relevante para avaliar a relação entre a experiência de abuso

emocional na infância e a evolução da vinculação ao longo do ciclo de vida, de forma a aceder aos fatores protetores e de risco para a mesma. O mesmo se aplicaria para o suporte social percebido.

Por fim, seria interessante fazer uma comparação entre os indivíduos com diversos índices de negação, de forma a avaliar o impacto da minimização nas respostas dadas, na frequência e gravidade dos maus-tratos relatados, nomeadamente a nível do abuso e negligência emocional.

Conclusão

Em suma, o presente estudo, contribuiu para uma melhor compreensão das consequências da experiência de abuso emocional na infância a longo prazo, nomeadamente a nível relacional. Segundo, os resultados obtidos o impacto desta problemática, manifesta-se não só na relação dos sujeitos consigo mesmos, mas também nas relações que estabelecem com os outros. A vivência de abuso emocional na infância, impacta negativamente a qualidade e as características das relações formadas na idade adulta. Adicionalmente, o presente estudo, contribui para um aumento da informação acerca desta problemática a nível nacional e internacional, assim como demonstra que é fundamental que exista uma maior valorização deste tipo de abuso e confirma a elevada prevalência do mesmo, uma vez que na presente amostra, mais de metade dos sujeitos evidencia ter sofrido desta problemática.

Referências

- Allbaugh, L. J., Mack, S. A., Culmone, H. D., Hosey, A. M., Dunn, S. E., & Kaslow, N. J. (2018). Relational factors critical in the link between childhood emotional abuse and suicidal ideation. *Psychological Services, 15*(3), 298–304. <https://doi.org/10.1037/ser0000214>
- Almeida, T. C., Guarda, R., & Cunha, O. (2021). Positive childhood experiences and adverse experiences: Psychometric properties of the Benevolent Childhood Experiences Scale (BCEs) among the Portuguese population. *Child Abuse & Neglect, 120*, 105179. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2021.105179>
- Arslan, C. (2009). Anger, self-esteem, and perceived social support in adolescence. *Social Behavior and Personality: An International Journal, 37*(4), 555–564. <https://doi.org/10.2224/sbp.2009.37.4.555>
- Arslan, G. (2017). Psychological Maltreatment, Social Acceptance, Social Connectedness, and Subjective Well-Being in Adolescents. *Journal of Happiness Studies, 19*(4), 983–1001. <https://doi.org/10.1007/s10902-017-9856-z>
- Arslan, G. (2021). Psychological Maltreatment and Spiritual Wellbeing in Turkish College Young Adults: Exploring the Mediating Effect of College Belonging and Social Support. *Journal of Religion and Health, 60*(2), 709–725. <https://doi.org/10.1007/s10943-021-01211-y>
- Baer, J. C., & Martinez, C. D. (2006). Child maltreatment and insecure attachment: a meta-analysis. *Journal of Reproductive and Infant Psychology, 24*(3), 187–197. <https://doi.org/10.1080/02646830600821231>
- Barnes, S. E., Howell, K. H., & Miller-Graff, L. E. (2016). The Relationship Between Polyvictimization, Emotion Dysregulation, and Social Support Among Emerging Adults Victimized During Childhood. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 25*(5), 470–486. <https://doi.org/10.1080/10926771.2015.1133749>
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of Intimacy: An Attachment Perspective. *Journal of Social and Personal Relationships, 7*(2), 147–178. <https://doi.org/10.1177/0265407590072001>
- Bernstein, D. P., Stein, J. A., Newcomb, M. D., Walker, E., Pogge, D., Ahluvalia, T., Stokes, J., Handelsman, L., Medrano, M., Desmond, D., & Zule, W. (2003). Development and validation of a brief screening version of the Childhood Trauma Questionnaire. *Child*

- Abuse & Neglect*, 27(2), 169–190. [https://doi.org/10.1016/s0145-2134\(02\)00541-0](https://doi.org/10.1016/s0145-2134(02)00541-0)
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46–76). New York, NY: Guilford Press
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic.
- Canavarro, M. C., Dias, P., & Lima, V. (2014). A avaliação da vinculação do adulto: Uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (ASS-R) na população portuguesa. *PSICOLOGIA*, 20(1), 156. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v20i1.381>
- Carvalho, S., Pinto-Gouveia, J., Pimentel, P., Maia, D., & Mota-Pereira, J. (2011). Características psicométricas da versão portuguesa da Escala Multidimensional de Suporte Social Percebido (Multidimensional Scale of Perceived Social Support - MSPSS). *Psychologica*, 54, 331–357. https://doi.org/10.14195/1647-8606_54_13
- Chen, W., Zhang, D., Pan, Y., Hu, T., Liu, G., & Luo, S. (2017). Perceived social support and self-esteem as mediators of the relationship between parental attachment and life satisfaction among Chinese adolescents. *Personality and Individual Differences*, 108, 98–102. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2016.12.009>
- Christ, C., de Waal, M. M., Dekker, J. J. M., van Kuijk, I., van Schaik, D. J. F., Kikkert, M. J., Goudriaan, A. E., Beekman, A. T. F., & Messman-Moore, T. L. (2019). Linking childhood emotional abuse and depressive symptoms: The role of emotion dysregulation and interpersonal problems. *PLOS ONE*, 14(2), e0211882. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0211882>.
- Cicchetti, D., & Toth, S. L. (2016). Child Maltreatment and Developmental Psychopathology: A Multilevel Perspective. *Developmental Psychopathology*, 1–56. <https://doi.org/10.1002/9781119125556.devpsy311>
- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion, and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71(4), 810–832. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.71.4.810>
- Cowell, R. A., Cicchetti, D., Rogosch, F. A., & Toth, S. L. (2015). Childhood maltreatment and its effect on neurocognitive functioning: Timing and chronicity matter. *Development and Psychopathology*, 27(2), 521–533. <https://doi.org/10.1017/s0954579415000139>

- Crow, T., Cross, D., Powers, A., & Bradley, B. (2014). Emotion dysregulation as a mediator between childhood emotional abuse and current depression in a low-income African-American sample. *Child Abuse & Neglect*, 38(10), 1590–1598. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.05.015>
- Dias, A., Sales, L., Carvalho, A., Castro Vale, I., Kleber, R., & Mota Cardoso, R. (2013). Estudo de propriedades psicométricas do Questionário de Trauma de Infância – Versão breve numa amostra portuguesa não clínica. *Laboratório De Psicologia*, 11(2). <https://doi.org/10.14417/lp.713>
- Dias, A., Sales, L., Hessen, D. J., & Kleber, R. J. (2014). Child maltreatment and psychological symptoms in a Portuguese adult community sample: the harmful effects of emotional abuse. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 24(7), 767–778. <https://doi.org/10.1007/s00787-014-0621-0>
- Dion, J., Matte-Gagné, C., Daigneault, I., Blackburn, M. E., Hébert, M., McDuff, P., Auclair, J., Veillette, S., & Perron, M. (2016). A prospective study of the impact of child maltreatment and friend support on psychological distress trajectory: From adolescence to emerging adulthood. *Journal of Affective Disorders*, 189, 336–343. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2015.08.074>
- Eagle, D. E., Hybels, C. F., & Proeschold-Bell, R. J. (2019). Perceived social support, received social support, and depression among clergy. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(7), 2055–2073. <https://doi.org/10.1177/0265407518776134>
- Egeland, B. (2009). Taking stock: Childhood emotional maltreatment and developmental psychopathology. *Child Abuse & Neglect*, 33(1), 22–26. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.12.004>
- Eslami, B., Di Rosa, M., Barros, H., Stankunas, M., Torres-Gonzalez, F., Ioannidi-Kapolou, E., Lindert, J., & Melchiorre, M. G. (2017). Lifetime abuse and perceived social support among the elderly: a study from seven European countries. *European Journal of Public Health*, 27(4), 686–692. <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckx047>
- Evans, S. E., Steel, A. L., & DiLillo, D. (2013). Child maltreatment severity and adult trauma symptoms: Does perceived social support play a buffering role? *Child Abuse & Neglect*, 37(11), 934–943. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2013.03.005>
- Helander, E. (2007). Damaging Effects of the Meso-system: Childhood Violence in Birth Families and its Consequences. In *Children and violence: The world of the defenceless* (pp. 85–133). Palgrave MacMillan. <https://doi.org/10.1057/9780230584303>

- Festinger, T., & Baker, A. (2010). Prevalence of recalled childhood emotional abuse among child welfare staff and related well-being factors. *Children and Youth Services Review*, 32(4), 520–526. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2009.11.004>
- Finkelhor, D. (2009). Children at risk. In *Childhood Victimization: Violence, Crime, and Abuse in the Lives of Young People* (pp. 65–92). Oxford.
- Finkelhor, D. (2009). Developmental impact. In *Childhood Victimization: Violence, Crime, and Abuse in the Lives of Young People* (pp. 65–92). Oxford.
- Gabalda, M. K., Broth, M. R., Thompson, M. P., & Kaslow, N. J. (2009). Children's Emotional Abuse and Relational Functioning: Social Support and Internalizing Symptoms as Moderators. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 2(3), 179–197. <https://doi.org/10.1080/19361520903120228>
- Gao, T., Mei, S., Li, M., Arcy, C. D., & Meng, X. (2022). Roles of psychological distress and social support in the relationship between childhood maltreatment and perceived needs for mental health care. *Journal of interpersonal violence*, 37(15-16). <https://doi.org/10.1177/08862605211006368>
- Gerdner, A., & Allgulander, C. (2009). Psychometric properties of the Swedish version of the Childhood Trauma Questionnaire—Short Form (CTQ-SF). *Nordic Journal of Psychiatry*, 63(2), 160–170. <https://doi.org/10.1080/08039480802514366>
- Gilbert, R., Widom, C. S., Browne, K., Fergusson, D., Webb, E., & Janson, S. (2009). Burden and consequences of child maltreatment in high-income countries. *The Lancet*, 373(9657), 68–81. [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(08\)61706-7](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(08)61706-7)
- Godbout, N., Daspe, M. V., Lussier, Y., Sabourin, S., Dutton, D., & Hébert, M. (2017). Early exposure to violence, relationship violence, and relationship satisfaction in adolescents and emerging adults: The role of romantic attachment. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 9(2), 127–137. <https://doi.org/10.1037/tra0000136>
- Goodman, M. L., Gutarra, C., Billingsley, K. M., Keiser, P. H., & Gitari, S. (2016). Childhood exposure to emotional abuse and later life stress among Kenyan women: a mediation analysis of cross-sectional data. *Anxiety, Stress, & Coping*, 30(4), 469–483. <https://doi.org/10.1080/10615806.2016.1271876>
- Griffin, D. W., & Bartholomew, K. (1994). Models of the self and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(3), 430–445. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.3.430~>

- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an Organizational Framework for Research on Close Relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1–22. https://doi.org/10.1207/s15327965pli0501_1
- Kapeleris, A. R., & Paivio, S. C. (2011). Identity and Emotional Competence as Mediators of the Relation between Childhood Psychological Maltreatment and Adult Love Relationships. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 20(6), 617–635. <https://doi.org/10.1080/10926771.2011.595764>
- Li, B., Pan, Y., Liu, G., Chen, W., Lu, J., & Li, X. (2020). Perceived social support and self-esteem mediate the relationship between childhood maltreatment and psychosocial flourishing in Chinese undergraduate students. *Children and Youth Services Review*, 117, 105303. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2020.105303>
- Lowell, A., Renk, K., & Adgate, A. H. (2014). The role of attachment in the relationship between child maltreatment and later emotional and behavioral functioning. *Child Abuse & Neglect*, 38(9), 1436–1449. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.02.006>
- MacDonald, K., Thomas, M. L., Sciolla, A. F., Schneider, B., Pappas, K., Bleijenberg, G., Bohus, M., Bekh, B., Carpenter, L., Carr, A., Dannlowski, U., Dorahy, M., Fahlke, C., Finzi-Dottan, R., Karu, T., Gerdner, A., Glaesmer, H., Grabe, H. J., Heins, M., . . . Wingenfeld, K. (2016b). Minimization of Childhood Maltreatment Is Common and Consequential: Results from a Large, Multinational Sample Using the Childhood Trauma Questionnaire. *PLOS ONE*, 11(1), e0146058. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0146058>
- Machado, C., Gonçalves, M., Matos, M., & Dias, A. R. (2007). Child and partner abuse: Self-reported prevalence and attitudes in the north of Portugal. *Child Abuse & Neglect*, 31(6), 657–670. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2006.11.002>
- Magalhães, T. (2005). *Maus tratos em crianças e jovens: guia prático para profissionais* (4ª ed.). Quarteto
- Magalhães, T. (2010). *Abuso de crianças e jovens: da suspeita ao diagnóstico*. Lidel.
- Maguire, S. A., Williams, B., Naughton, A. M., Cowley, L. E., Tempest, V., Mann, M. K., Teague, M., & Kemp, A. M. (2015). A systematic review of the emotional, behavioural and cognitive features exhibited by school-aged children experiencing neglect or emotional abuse. *Child: Care, Health and Development*, 41(5), 641–653. <https://doi.org/10.1111/cch.12227>
- Martins, C. (2011). Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM SPSS:

Saber decidir, fazer, interpretar e redigir. *Braga: Psiquilibrios Edições.*

- MacDonald, K., Thomas, M. L., Sciolla, A. F., Schneider, B., Pappas, K., Bleijenberg, G., Bohus, M., Bekh, B., Carpenter, L., Carr, A., Dannlowski, U., Dorahy, M., Fahlke, C., Finzi-Dottan, R., Karu, T., Gerdner, A., Glaesmer, H., Grabe, H. J., Heins, M., Wingenfeld, K. (2016). Minimization of Childhood Maltreatment Is Common and Consequential: Results from a Large, Multinational Sample Using the Childhood Trauma Questionnaire. *PLOS ONE*, *11*(1), e0146058. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0146058>
- McLewin, L. A., & Muller, R. T. (2006). Attachment and social support in the prediction of psychopathology among young adults with and without a history of physical maltreatment. *Child Abuse & Neglect*, *30*(2), 171–191. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.10.004>
- Messman-Moore, T. L., & Coates, A. A. (2007). The impact of childhood psychological abuse on adult interpersonal conflict: The role of early maladaptive schemas and patterns of interpersonal behavior. *Journal of Emotional Abuse*, *7*, 75–92. https://doi.org/10.1300/J135v07n02_05
- Muller, R. T., Gragtmans, K., & Baker, R. (2008). Childhood physical abuse, attachment, and adult social support: Test of a mediational model. *Canadian Journal of Behavioural Science / Revue Canadienne Des Sciences Du Comportement*, *40*(2), 80–89. <https://doi.org/10.1037/0008-400x.40.2.80>
- Nearchou, F. (2018). Resilience following emotional abuse by teachers: Insights from a cross-sectional study with Greek students. *Child Abuse & Neglect*, *78*, 96–106. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.10.012>
- Oshri, A., Sutton, T. E., Clay-Warner, J., & Miller, J. D. (2015). Child maltreatment types and risk behaviors: Associations with attachment style and emotion regulation dimensions. *Personality and Individual Differences*, *73*, 127–133. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2014.09.015>
- Pepin, E. N., & Banyard, V. L. (2006). Social Support: A Mediator between Child Maltreatment and Developmental Outcomes. *Journal of Youth and Adolescence*, *35*(4), 612–625. <https://doi.org/10.1007/s10964-006-9063-4>
- Poon, C. Y. M., & Knight, B. G. (2012). Emotional Reactivity to Network Stress in Middle and Late Adulthood: The Role of Childhood Parental Emotional Abuse and Support. *The Gerontologist*, *52*(6), 782–791. <https://doi.org/10.1093/geront/gns009>

- Powers, A., Ressler, K. J., & Bradley, R. G. (2009). The protective role of friendship on the effects of childhood abuse and depression. *Depression and Anxiety, 26*(1), 46–53. <https://doi.org/10.1002/da.20534>
- Prino, L. E., Longobardi, C., & Settanni, M. (2018). Young adult retrospective reports of adverse childhood experiences: Prevalence of physical, emotional, and sexual abuse in Italy. *Archives of sexual behavior, 47*(6), 1769-1778. <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1154-2>
- Reyome, N. D. (2010). Childhood Emotional Maltreatment and Later Intimate Relationships: Themes from the Empirical Literature. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 19*(2), 224–242. <https://doi.org/10.1080/10926770903539664>
- Reyome, N. D., Ward, K. S., & Witkiewitz, K. (2010). Psychosocial Variables as Mediators of the Relationship Between Childhood History of Emotional Maltreatment, Codependency, and Self-Silencing. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 19*(2), 159–179. <https://doi.org/10.1080/10926770903539375>
- Riggs, S. A., & Kaminski, P. (2010). Childhood Emotional Abuse, Adult Attachment, and Depression as Predictors of Relational Adjustment and Psychological Aggression. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 19*(1), 75–104. <https://doi.org/10.1080/10926770903475976>
- Riggs, S. A., Cusimano, A. M., & Benson, K. M. (2011). Childhood emotional abuse and attachment processes in the dyadic adjustment of dating couples. *Journal of Counseling Psychology, 58*(1), 126–138. <https://doi.org/10.1037/a0021319>
- Santorelli, N., Woods, A., Carlin, E., Marsic, A., & Kaslow, N. J. (2012). Attachment Mediates the Childhood Maltreatment–Daily Hassles Link in Low-Income, Suicidal African American Women. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma, 21*(7), 739–757. <https://doi.org/10.1080/10926771.2012.703290>
- Sheikh, M. A. (2018). Psychological abuse, substance abuse distress, dissatisfaction with friendships, and incident psychiatric problems. *Journal of Psychosomatic Research, 108*, 78–84. <https://doi.org/10.1016/j.jpsychores.2018.03.001>
- Sheikh, M. A., Abelsen, B., & Olsen, J. A. (2016). Clarifying Associations between Childhood Adversity, Social Support, Behavioral Factors, and Mental Health, Health, and Well-Being in Adulthood: A Population-Based Study. *Frontiers in Psychology, 7*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00727>
- Singstad, M. T., Wallander, J. L., Greger, H. K., Lydersen, S., & Kayed, N. S. (2021). Perceived social support and quality of life among adolescents in residential youth care:

- a cross-sectional study. *Health and Quality of Life Outcomes*, 19(1). <https://doi.org/10.1186/s12955-021-01676-1>
- Spinazzola, J., Hodgdon, H., Liang, L. J., Ford, J. D., Layne, C. M., Pynoos, R., Briggs, E. C., Stolbach, B., & Kisiel, C. (2014). Unseen wounds: The contribution of psychological maltreatment to child and adolescent mental health and risk outcomes. *Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy*, 6(Suppl 1), S18–S28. <https://doi.org/10.1037/a0037766>
- Toth, S. L., & Manly, J. T. (2018). Developmental Consequences of Child Abuse and Neglect: Implications for Intervention. *Child Development Perspectives*, 13(1), 59–64. <https://doi.org/10.1111/cdep.12317>
- Valsala, P., Devanathan, S., & Kuttappan, S. M. (2018). Association of Family Challenges with Self-esteem and Perceived Social Support among Indian Adolescents. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 35(6), 625–637. <https://doi.org/10.1007/s10560-018-0553-5>
- Zhao, J., Peng, X., Chao, X., & Xiang, Y. (2019). Childhood Maltreatment Influences Mental Symptoms: The Mediating Roles of Emotional Intelligence and Social Support. *Frontiers in Psychiatry*, 10. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00415>
- Zinn, A., Palmer, A. N., & Nam, E. (2017). The predictors of perceived social support among former foster youth. *Child Abuse & Neglect*, 72, 172–183. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.07.015>

Anexos

Anexo A – Questionário Sociodemográfico

Idade: _____

Sexo:

- 1)Feminino
- 2)Masculino

Habilitações Literárias:

- 1)1º Ciclo (4º ano de escolaridade)
- 2)2º Ciclo (6º ano de escolaridade)
- 3)3º Ciclo (9º ano de escolaridade)
- 4)Ensino Secundário (12º ano de escolaridade)
- 5)Licenciatura
- 6)Mestrado
- 7)Doutoramento

Alguma vez lhe foi diagnosticado alguma psicopatologia?

- 1)Sim
- 2)Não

Alguma vez teve sintomas de ansiedade e/ou depressão?

- 1)Sim
- 2)Não

Anexo B - Consentimento Informado

O presente projeto de investigação científica tem como objetivo compreender de que forma a experiência passada de abuso emocional na infância se manifesta na idade adulta.

Este questionário tem a duração média prevista de 10 minutos e dirige-se a indivíduos de todos os géneros, com idade igual ou superior a 18 anos.

A sua participação não lhe trará risco ou despesa e pode, a qualquer momento, recusar a continuidade da sua participação no estudo.

A aplicação do questionário on-line será realizada a várias pessoas e não será solicitada nenhuma informação pessoal, tornando impossível associar as suas respostas à sua identificação, garantindo-lhe, por isso, total anonimato e confidencialidade.

A sua participação é voluntária e os dados fornecidos são absolutamente confidenciais e serão utilizados apenas para fins científicos. Nesse sentido, por favor seja sincero/a.

Caso aceite participar, pedimos de seguida o seu consentimento informado.

Os investigadores responsáveis pelo estudo disponibilizam-se para esclarecer quaisquer dúvidas existentes (Inês Galvão: 25844@alunos.ispa.pt; Prof^a. Doutora Telma Sousa Almeida: telma.almeida@ispa.pt)

Muito obrigada pela sua colaboração!

Ao selecionar as opções abaixo, declaro que:

- Li e compreendi este documento e aceito participar no projeto científico, dando o meu consentimento informado e tendo a garantia que todos os meus dados permanecerão confidenciais.
- Tenho mais de 18 anos de idade.